

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Enfermagem
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem



Dissertação

**O sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack
e outras drogas**

Roberta Zaffalon Ferreira

Pelotas, 2013

Roberta Zaffalon Ferreira

**O sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack
e outras drogas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde. Área de concentração: Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. Linha de Pesquisa: Enfermagem, Saúde Mental e Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Enf.^a Michele Mandagará de Oliveira

Pelotas, 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F383s Ferreira, Roberta Zaffalon
O sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack e outras drogas / Roberta Zaffalon Ferreira; orientadora Michele Mandagará de Oliveira. - Pelotas, 2013.
102 f.

Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, 2013.

1. Enfermagem. 2. Cocaína. 3. Crack. 4. Etnografia. 5. Cenas de uso. 6. Dons e dádivas. I. Oliveira, Michele Mandagará de, orient. II. Título.

CDD: 610.73

Catálogo na Fonte: Aline Herbstrith Batista CRB 10/ 1737
Biblioteca Campus Porto - UFPel

Roberta Zaffalon Ferreira

O sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack e outras drogas

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 19/12/2013.

Banca Examinadora:

.....
Prof.^a Dr.^a Michele Mandagará de Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal de Pelotas

.....
Prof.^a Dr.^a Cláudia Turra Magni (Titular)
Universidade Federal de Pelotas

.....
Prof.^a Dr.^a Luciane Prado Kantorski (Titular)
Universidade Federal de Pelotas

.....
Prof.^a Dr.^a Valéria Cristina Christello Coimbra (Suplente)
Universidade Federal de Pelotas

.....
Prof.^a Dr.^a Vanda Maria da Rosa Jardim (Suplente)
Universidade Federal de Pelotas

“As drogas, mesmo o crack, são produtos químicos sem alma: não falam, não pensam e não simbolizam. Isto é coisa de humanos. Drogas, isto não me interessa. Meu interesse é pelos humanos e suas vicissitudes.”

Antonio Nery Filho

Agradecimentos

A construção desta dissertação demandou tempo, angústias e cansaço, mas também momentos de alegrias e de descontração. Todos esses sentimentos sempre foram acompanhados por pessoas especiais e que de alguma forma estiveram presentes em minha vida, contribuindo para que esta trajetória se tornasse mais leve e prazerosa. Assim, cada um merece o meu agradecimento como forma de retribuição à compreensão, apoio e carinho ao longo da realização deste trabalho.

Aos meus lindos **pais**, agradeço infinitamente pelo amor, dedicação, apoio e confiança dispensados a mim desde sempre, me motivando a seguir em frente e me mostrando diariamente do quanto sou capaz. Amo-os eternamente!

À **Maninha**, meu doce de irmã, sempre ao meu lado e sendo responsável pelos meus principais momentos de leveza e diversão. Me presenteou da melhor forma possível, me dando o prazer de conviver com meus amados afilhados **Gabriel e Lucas**, que colorem, alegrem e fantasiam minha vida.

Ao meu amado e especial **Rafael**, um dos meus maiores incentivadores e que me faz acreditar que tudo é possível. Os meus momentos de ausência logo valerão a pena e com certeza estarás ao meu lado, desfrutando tudo de melhor que o futuro nos reserva. Obrigada pela paciência e por acreditar tanto em mim. Te amo!

Aos meus queridos integrantes do Condomínio, **tia Biti, Fernando e Delaide**, que sempre me acompanharam e vibraram juntos em cada conquista.

À minha mãe de coração **Eva**, que mesmo distante fisicamente está sempre presente através do seu amor e carinho. Tua existência, afeto, amizade e ternura fazem de mim uma pessoa melhor e mais feliz.

À **Tania**, mais que amiga, parte integrante da família, que dispensa sua atenção incondicionalmente a todos nós em tempos bons e em tempos ruins. Tua amizade vale Ouro!

À minha querida **Gabi Meirelles**, com quem cultivo uma amizade sincera e sem cobranças. A distância nos separa fisicamente mas nunca romperá o laço verdadeiro e afetuoso que possuímos.

Às minhas amigas **Ana Cândida e Gabi Ferreira**, responsáveis por transformar o mestrado em algo divertido e leve. Nossos momentos compartilhados de angústias, ansiedade e principalmente de felicidade e riso fácil serão para sempre lembrados por mim. Em vocês encontrei motivação e ânimo para nunca desistir em nenhum obstáculo imposto nesta trajetória.

Às minhas colegas **Maria do Carmo, Aline Viegas e Vânia Cruz**, pessoas especiais que conheci há pouco tempo, mas por quem cultivo um carinho enorme. Meninas, obrigada pela convivência.

À minha orientadora, **Michele Mandagará**, que me acolheu carinhosamente antes mesmo do mestrado e que ganhou minha admiração desde o primeiro encontro. Obrigada por todo o apoio, incentivo e principalmente por acreditar em mim. Tenho certeza que a qualidade deste trabalho é reflexo da nossa parceria e amizade. Tua sinceridade e sensibilidade me motivam a querer crescer cada vez mais.

Às professoras **Luciane Kantorski, Claudia Turra, Valéria Coimbra e Vanda Jardim**, pela participação em minha banca examinadora e pelas contribuições para enriquecer este trabalho.

Ao **Grupo de Saúde Mental e Crack-FEn**, que em momentos de encontros e discussão contribuíram para o crescimento desta pesquisa.

À equipe de **Agentes Redutores de Danos de Pelotas**, que acolheu e possibilitou a realização deste trabalho.

Ao **Tuca e Adriane Eslabão**, agentes redutores de danos, por toda paciência e disponibilidade ao tentarem me proporcionar os melhores locais de coleta de dados, acreditando imensamente na realização deste trabalho.

Às **pessoas participantes deste estudo**, o meu imenso respeito e agradecimento por compartilharem comigo momentos tão particulares e únicos, permitindo minha entrada e convivência de forma livre e natural com vocês.

À **CAPES**, por ter me concedido bolsa de estudo para que eu pudesse dedicar-me de forma integral a esta pesquisa.

Ao **CNPq e Ministério da Saúde**, pelo financiamento do projeto “Perfil dos usuários de crack e Padrões de uso na cidade de Pelotas-RS”, o qual possibilitou desenvolver o presente estudo.

Resumo

FERREIRA, Roberta Zaffalon. **O sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack e outras drogas.** 2013. 102f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação da Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

Os usuários de crack são comumente marginalizados e apontados como sem valor, com tendência a serem excluídos do convívio social, fato que leva esta população criar grupos para consumir a droga, formando as populares cracolândias. O estudo objetivou conhecer o sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack e outras drogas dentro das cenas de uso. Consiste em um estudo qualitativo com abordagem etnográfica que utilizou como referencial teórico a teoria dos dons e dádivas do sociólogo Marcel Mauss. Foi desenvolvido no Município de Pelotas no período de dezembro de 2012 a julho de 2013, possuindo como método de coleta de dados a observação participante, diálogo e registro em diário de campo. As observações foram realizadas em grupos de usuários de crack e outras drogas formados em locais públicos e privados do município. Os participantes do estudo foram pessoas que faziam o uso de crack e outras drogas no cenário de uso de drogas, havendo uma aproximação maior com 13 pessoas ao longo do estudo. A análise dos dados apresenta-se embasada no Interpretativismo de Clifford Geertz. Esta etnografia desvelou que os usuários de crack possuem diferentes formas de viver, de se adaptar e de se organizar como grupo. As cenas de uso criadas por esta população não são configuradas apenas como local único e exclusivo de consumo de drogas, elas também servem como abrigo e ponto de encontro entre pessoas. Os usuários inseridos nesses grupos mostram-se contrários às imagens vendidas nos grandes veículos de comunicação, havendo entre eles uma rede de solidariedade que resulta em um trabalho coletivo na tentativa de amenizar as adversidades encontradas nas ruas. Alguns denominam-se livres e nômades, sem vínculos a grupos. No entanto, de diferentes formas estão quase sempre próximos, prezando pela saúde e relações de ajuda e solidariedade. Os usuários de crack, na falta ou escassez, dividem e compartilham droga, roupas ou comida, na incerteza do retorno do bem. Dessa forma acredita-se que a teoria do dom permeia imensamente as relações no presente; no momento em que estão no grupo, mostram-se solidários em certas situações, lutam para vencer o estigma e o preconceito, dividem e doam a pedra, quando necessário, sem a certeza do retorno, organizam-se e buscam ajudar no cuidado da saúde dos mais debilitados. No entanto, as mudanças só começarão a aparecer no contexto destas pessoas, no momento em que as políticas de atenção e assistência que envolvem esta população passarem a ser prioridade dos nossos gestores.

Palavras-chave: cocaína crack; etnografia; cenas de uso; dons e dádivas

Abstract

FERREIRA, Roberta Zaffalon. **The anthropological sense of gifts and boons between groups of crack and other drugs' users**. 2013. 102p. Dissertation (Master) - Programa de Pós Graduação from Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

Crack users' are generally marginalized and pointed as worthless, with tendency to be deleted of socializing, fact that makes this population create groups to consume the drug, creating the popular *cracolândia*. The study aimed to know the anthropological sense of gifts and boons between groups of crack and other drugs' users inside the scenes of use. It consists in a qualitative study with ethnography approach which used as theoretical referential the theory of gifts and boons of the sociologist Marcel Mauss. It was developed at the city of Pelotas, in the period of December of 2012 to July of 2013, having as method of data collection the participant observation, dialog and record in a journal of field. The observations were performed in groups of crack and other drugs' users created in public and private places at the city. The participants of the study were people who made the use of crack and other drugs in the scenery of drugs use; being closer to 13 people during the study. The analysis of data presents itself based in the Clifford Geertz's interpretativism. This ethnography unveiled that users of crack and other drugs created in public and private places have different ways of live, of adaptation and organize themselves as a group. The scenes of use created by this population are not configured only as a unique and exclusive place to consume drugs; it is also a shelter and a place to meet people. The users who are inserted in these groups show to be contrary to the sold images in the big vehicles of communication, having between them a network of solidarity which results in a collective work, once it is a trial to alleviate the hardships found at the streets. Some of them call themselves free and nomads, with no link to groups. However, in different ways, they are always close, valuing health and relations of help and solidarity. Crack users, when there is lack or scarcity, divide and share drug, clothes or food, with no certain of goodness' return. In this way, it is believed that the theory of gift permeates immensely the actual relations; at the moment they are in the group, they show solidarity in some situations, fight for win the stigma and prejudice, divide and donate the stone, when necessary, with the certain of return, organize themselves and seek help in the health care of the weaker ones. However, changes just will begin to appear in the context of these people, at the moment when the politics of attention and assistance that involves this population pass to be priority of our managers.

Key-words: crack cocaine; anthropology, cultural; scenes of use; gifts and boons

Lista de Abreviaturas e Siglas

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
ARD	Agentes Redutores de Danos
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CAPS ad	Centro de Atenção Psicossocial ao usuário de álcool e drogas
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNS	Conselho Nacional de Saúde
ERD	Estratégia de Redução de Danos
HIV	Vírus da Imunodeficiência humana
PRD	Programa de Redução de Danos
SISNAD	Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas
SNC	Sistema Nervoso Central
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sumário

1	Introdução	13
2	Objetivos	20
2.1	Objetivo Geral	20
2.2	Objetivo Específico	20
3	Revisão de Literatura	21
3.1	Surgimento e história da cocaína e crack.....	21
3.2	Perfil das pessoas que consomem crack e padrões de uso.....	24
3.3	Políticas Públicas sobre drogas e Atenção em Saúde a Usuários de Álcool e outras drogas.....	27
4	Referencial Teórico	32
4.1	Teoria dos Dons e Dádivas de Marcel Mauss	32
5	Metodologia	41
5.1	Caracterização do estudo.....	41
5.2	Aproximação com os participantes e o cenário de estudo.....	42
5.4	Critérios de inclusão dos participantes	45
5.5	Procedimentos de coleta de dados	45
5.7	Princípios éticos.....	47
5.8	Divulgação dos resultados	48
6	Análise dos dados.....	49
6.1	Pessoas presentes na etnografia que compõem os grupos usuários de crack e outras drogas	49
6.2	Territórios psicotrópicos	50
6.3	Vivências com grupos usuários de crack e outras drogas.....	55
7	Considerações finais	89
	Referências	93
	APÊNDICES.....	98
	ANEXOS	100

1 Introdução

Não são recentes os relatos do uso de substâncias psicoativas na humanidade, vale lembrar que, desde a pré-história, o ser humano faz uso delas para uma série de finalidades. Esses fins poderiam ser estritamente prazerosos, desencadeando estado de êxtase místico ou religioso, ou ainda, utilizadas para fins curativos dentro de práticas religiosas tradicionais ou no contexto médico-científico (MAC RAE, 2003).

Esse fato nos leva a pensar que o ser humano sempre viveu em busca de algo que transcendesse a dimensão do real, pois diversos tipos de cultura desenvolveram formas socialmente aceitas do uso de substâncias psicoativas, sem expor a vida a riscos e até muitas vezes sendo divinizadas (RAUPP, 2011).

Até o final do século XIX, as práticas de uso dessas substâncias não eram consideradas como ato ameaçador à ordem social. Porém, a partir do século XX as práticas deste consumo e circulação de algumas substâncias passaram a ser regulamentadas e outras proibidas, por serem consideradas ameaças à ordem social e estarem relacionadas a problemas de saúde e desordem urbana (MAC RAE, 2003; RAUPP, 2011).

Uma das explicações que revela o motivo pelo qual durante muito tempo o uso de drogas foi aceito pacificamente entre os homens é que essa prática não representava ameaças maiores à sociedade e concentrava-se no núcleo de rituais coletivos que a sociedade reconhecia como expressão de seus próprios valores (MAC RAE, 2003).

O crack (droga proveniente da pasta da cocaína) é um exemplo típico de substância psicoativa, que possui características notórias de “ameaça” à sociedade, envolvida em uma série de dúvidas quanto ao entendimento deste fenômeno (PERRENOUD; RIBEIRO, 2012).

Desde a sua chegada no Brasil, com primeiros relatos de uso em São Paulo/SP em meados da década de 80, até a sua popularização, o crack ocupa cada vez mais espaço na mídia, na sociedade em geral e nas políticas públicas, seja de saúde ou de segurança. É tratado no meio midiático como “epidemia”, representando a ideia de sua extensão como problema de saúde pública e no contexto social (MELOTTO, 2009).

Em contrapartida, o consumo de álcool na sociedade, apesar de estudos apontarem que esta dependência acarreta enorme custo social e exerce grande influência como causa de problemas à saúde, ainda não é visto culturalmente como um hábito ameaçador, mesmo que as estatísticas apontem um aumento crescente a cada ano de pessoas dependentes deste vício (MELONI; LARANJEIRA, 2004; GALDURÓZ; CAETANO, 2004).

Ao observarmos os dados da última pesquisa realizada pelo Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID, 2007), constata-se que o crack atinge 0,7% da população estudada sobre o tipo de droga utilizada *na vida*. Quanto à porcentagem de dependentes de drogas, o crack assume a última posição da pesquisa, sendo 0,2% as pessoas dependentes de drogas caracterizadas como “estimulantes”. Ao passo que 12,3 % e 10,1% são dependentes de álcool e tabaco, respectivamente. Segundo pesquisa nacional, atualmente existem 370.000 usuários de crack nas capitais brasileiras (BRASIL, 2013).

Apesar de as estatísticas apontarem uma diferença importante entre número de pessoas que consomem crack e pessoas que consomem outros tipos de drogas (sejam lícitas ou ilícitas), ainda que não seja a mais consumida, o consumo do crack e da cocaína podem gerar grandes impactos sociais, cada vez mais evidentes em nosso meio, tais como: maior número de hospitalizações para tratamento, subemprego e desemprego, violência, vitimização e gastos com o sistema carcerário, estigma e isolamento social, perdas familiares e intenso sofrimento social (ALVES; RIBEIRO; CASTRO, 2011).

Ser dependente de crack pode se tratar de uma intensa e difícil escolha para essas pessoas, comumente estigmatizadas e apontadas como sem valor, não merecendo estar no convívio social. Para a maioria da sociedade, usar crack é um ato repugnante e a tendência é o preconceito tornar-se visível perante estes dependentes (ALMEIDA, 2010).

A marginalidade, a exclusão e até a “gozação” são citadas como vivenciadas de forma muito intensa por quem usa o crack. Para a pessoa que faz uso do crack, a forma como a sociedade e a família o tratam também é fator importante no seu tratamento, sendo necessário manter a serenidade a fim de não se deixar envolver pelo preconceito (ALMEIDA, 2010).

É possível que, diante deste contexto que demonstra o preconceito vivido por estas pessoas, compreenda-se melhor o ato comum de consumir a droga em grupo, como referido por Alves, Ribeiro e Castro (2011), pois esta é uma prática comum desde o surgimento do crack nos Estados Unidos, onde a droga era produzida de forma caseira e consumida em grupos, dentro de casas, com graus variados de abandono e precariedade (conhecidas por *crack houses*). Estas relações e convívio que acontecem em grupo podem ser mais bem compreendidas por meio da construção do laço social, uma das características mais marcantes na teoria do dom, onde estes laços excedem os valores de mercado ou contrato normalmente impostos dentro da sociedade (CAILLÉ, 2002).

As pesquisas no âmbito sociocultural e antropológico sobre o uso do crack procuram descrever esse contexto de vida e os comportamentos típicos dos consumidores, sendo a antropologia uma ferramenta importante para conhecer em profundidade os fenômenos sociais atrelados a pessoas que usam drogas (RIBEIRO; NAPPO; SANCHEZ, 2012).

A teoria dos dons e dádivas, escrita por Marcel Mauss, é a que dará fundamentação teórica a este estudo. Entende-se por dom ou dádiva tudo que circula na sociedade que não está ligado nem ao mercado, nem ao Estado e nem à violência física. É o que circula em prol do ou em nome do laço social. Exemplificando, basta pensar o que circula entre amigos, entre vizinhos, entre parentes, sob a forma de presentes, de hospitalidade e de serviços. Na sociedade moderna, a dádiva circula também entre desconhecidos através de doações de sangue, filantropia e doações humanitárias (GODBOUT, 1998). Trata-se da ação de dar, receber e retribuir, pôr em circulação os presentes, benefícios ou também os malefícios. A relação social flui contrariamente aos parâmetros de mercado ou de contratos e tende à construção do laço social que é mais importante que o bem em questão nas relações de troca (CAILLÉ, 2002).

Por esse motivo, a escolha pela antropologia e por este teórico foi feita para guiar o olhar do pesquisador sobre a pessoa que faz uso do crack dentro dos

cenário de uso, na tentativa de desvelar as relações de troca destas pessoas nestes locais, bem como os motivos que as levam a preferir este estilo de vida, onde emergem os seguintes pressupostos:

- Os dons e dádivas existentes entre estas pessoas é o que motiva e mantém a construção do grupo, pois é neste grupo que encontram relações de parceria e companheirismo que acabam sendo rompidas com seus familiares ou amigos devido ao uso de drogas, e com isso nascendo a rejeição por parte dos que não compreendem esta escolha de vida. Acabam, assim, por refugiarem-se em locais “próprios para consumo”, pois nestes ambientes sentem-se acolhidos, valorizados e não discriminados pelos demais, pois encontram-se todos em noção de igualdade. Fora dali, são comumente julgados e vistos como “não pessoa”, “pobres”, “maltrapilhos” e pessoas sem valor e sem moral. Desconsiderando, na maioria das vezes, que por trás deste “maltrapilho” existe um ser humano com capacidade de pensamento e decisões, que faz escolhas para sua vida diante dos valores que julga como importantes e principais para sua vida, buscando o prazer nessas práticas longe de qualquer tipo de julgamento externo e de terceiros (ALMEIDA, 2010).

Os estudos existentes sobre esta temática, em sua maioria, buscam traçar o perfil do dependente químico, dados epidemiológicos e os danos causados pelo seu consumo.

Nesse aspecto, destaco a justificativa deste estudo, de compreender o sentido antropológico dos dons e das dádivas entre este grupo de pessoas, de dar voz ativa a elas e valorizar suas histórias de vida, dignos de seres humanos pertencentes a uma sociedade a qual possui um leque de culturas e formas diferentes de estilo de vida. O crack, apesar dos danos que causa, continua atraindo as pessoas ao hábito do seu consumo. Então, é importante aumentar a atenção a estas pessoas e isso talvez seja possível quando a sociedade e os órgãos públicos permitirem-se enxergar por completo esta população e assim desenvolver políticas públicas de atenção e prevenção ao uso das drogas baseadas na realidade e na vivência destas pessoas, aumentando as possibilidades de atender o sujeito como um todo.

É inegável que quando, seja através de uma pesquisa, de um trabalho ou de uma reportagem, consegue-se tornar visível aquilo que aos olhos da maioria é invisível, atitudes e posicionamentos são necessários para lidar com novas

informações, e o risco de sairmos da comodidade com aquilo que até então não é avistado torna-se grande. Acredito que esta possa ser uma possibilidade para explicar essa “epidemia” e enxurrada de reportagens e informações acerca do crack, havendo uma corrente forte contra o abuso deste, transmitindo a imagem de perigo e fatalidade que remete o problema especificamente à droga, à substância e não à vulnerabilidade do indivíduo, o qual realmente necessita de ajuda e atenção neste contexto, conduzindo à vigilância e ações de combate ao tráfico (guerra às drogas) por parte do governo, na intenção de mascarar a deficiência das políticas públicas voltadas aos usuários de drogas, que atualmente são falhas no nosso sistema de saúde.

A imprensa, atualmente, exerce forte influência nesta questão. Assim como denominado por Tófoli (2013), hoje existe uma “imprensa entorpecida”, entorpecida pela visão preconceituosa, marginalizada e com a ideia de limpeza social/higienista que vende à coletividade como tratamento ao usuário de crack. Pois se assim a maioria pensar, é muito mais cômodo e fácil de lidar e tratar com pessoas dependentes deste vício, onde a fórmula do cuidado estaria na ação de “guardá-las” em hospitais e clínicas, reprimindo-as perante a sociedade.

Após 30 anos da chegada do crack no Brasil, tem-se a certeza de que nos últimos cinco anos a popularidade desta droga aumentou de forma alarmante e, paralelo a isso, a aspereza do discurso terrorista que permeia o consumo dela. O senso comum que envolve tal acontecimento, de que basta usar uma única vez a pedra (crack) para tornar-se um viciado, e conseqüentemente a isso o rompimento com uma vida digna, com família, amigos, trabalho e por fim a morte, uma via de mão única sem possibilidades de retorno à dita “vida normal”, talvez possa ser uma das explicações desta popularidade alimentada principalmente pela mídia. Entretanto, esse discurso emprega uma posição bastante preconceituosa, pois o consumo e o vício de drogas trata-se de um complexo fenômeno; não existe droga com qualidades “mágicas” ou instantâneas, o fenômeno da dependência química envolve uma série de fatos que abarca a associação entre o tipo de substância, o momento da vida da pessoa e o contexto de vida que a pessoa vive naquele momento, é o que de fato causa ou impede o vício da substância usada (TÓFOLI, 2013).

Esta pesquisa não possui teor apologista às drogas, no entanto, não nega a existência destas. Acredita-se que a maior parte das pessoas não goste de drogas,

existindo ainda o desejo de que qualquer ser humano também não apreciasse o consumo de qualquer droga, pois, de fato, a maioria delas não fazem bem diante da visão fisiológica e biológica. Mas a realidade é que drogas existem e são consumidas em grande escala, seja para fins recreativos com controle e disciplina, ou ainda por real dependência química que pode levar a pessoa a se autodestruir.

A imagem que se tem do usuário de crack na nossa sociedade capitalista e produtiva é de marginal que não conta como força de trabalho, alguém desprovido de inteligência e capacidade de discernimento, sem identidade de cidadão, e, principalmente, diante dos atuais acontecimentos e mudanças políticas, um ser que necessita de intervenção total.

Intervenção, neste contexto, entende-se como ação direta sobre o direito de escolha e de ir e vir do cidadão. Neste caso, destaca-se a internação compulsória e involuntária debatida como uma das estratégias de tratamento para o uso de crack. No panorama político atual sobre atenção às drogas vêm ocorrendo sérios debates quanto ao caminho que o país está tomando. Contrário a muitos países, o Brasil está traçando uma política que criminaliza e reprime o usuário de droga e não o recupera; enquanto que muitos países regulamentam o uso de drogas, aqui a pena ao usuário e ao traficante aumenta e internações contrárias à vontade da pessoa são estimuladas. A questão principal e mais polêmica é que desta forma busca-se combater o usuário e não as drogas, não havendo visibilidade ao ser humano que necessita de ajuda para recuperação.

Falar sobre drogas é sempre polêmico e de difícil abordagem, pois esse tema envolve as pessoas de forma muito particular de acordo com suas vivências e, além disso, envolve campos de conhecimentos e saberes também diferentes. A temática droga envolve ciências como a sociologia, a antropologia, a saúde, a psicologia, a segurança pública, entre outras, no entanto, cada núcleo com visões muito distintas e por vezes antagônicas. Bastos (2013) define esta diversidade de visões refletindo na figura do usuário de drogas como sendo ora estigmatizado como louco, ora como criminoso, doente ou pecador. Ele defende a postura de que não se deve avaliar moralmente. A situação política atual e os rumos em relação ao tema são nebulosos, estando nítidas a falta de direção e incertezas que assolam o conflito que há dentro do próprio governo e também na opinião pública.

O fato é que o crack vem sendo supervalorizado como uma droga isolada e responsável por danos particulares e devastadores, enquanto que na verdade

difficilmente há o consumo isolado, existem o álcool, o fumo, a maconha, entre outras, associados ao consumo do crack, refletindo em consequências tão graves ou maiores do que as do crack (BRASIL, 2013). Ao trabalhar ou conviver com pessoas que usam crack percebe-se que há uma lacuna na atenção e cuidados direcionados a esse público, há uma carência de profissionais especializados e os sistemas públicos não estão sabendo lidar com essa população. A guerra às drogas tem aumentado a violência social e a exclusão, distanciando o usuário dos serviços de saúde, que deveriam atuar numa perspectiva menos preconceituosa e mais acolhedora.

Amarante (2013) descreve o crack na atualidade como sendo um produto da mídia reduzido a questões policiais, havendo com isso o fortalecimento da noção de cracolândia, e, assim, desviando o foco, que é o ser humano que apenas faz uso de drogas mas que não deixa de ser menos humano por este motivo.

Desse modo, frente ao exposto e baseado na teoria dos dons e dádivas, surgiu a seguinte questão norteadora:

Qual o sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack e outras drogas dentro das cenas de uso?

2 Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Conhecer o sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack e outras drogas dentro das cenas de uso.

2.2 Objetivo Específico

Identificar as trocas existentes e os laços sociais entre pessoas usuárias de crack e outras drogas nos cenários de uso da droga.

3 Revisão de Literatura

3.1 Surgimento e história da cocaína e crack

A cocaína é uma substância extraída das folhas da planta *Erythroxylon coca*, nativa da América Andina, e é um estimulante do sistema nervoso central (RIBEIRO; LARANJEIRA; DUNN, 1998). Sua ação proporciona maior lucidez e concentração, deixa o indivíduo em estado de alerta, causa eliminação do cansaço, sensação de bem-estar e euforia, desinibição e maior sociabilidade (RAUPP; ADORNO, 2011a).

O uso da cocaína tem suas raízes nas grandes civilizações pré-colombianas dos Andes que, há mais de 4500 anos, já conheciam e utilizavam a folha extraída da planta. Numerosas lendas se referem a ela em associação aos mistérios sagrados da fertilidade, da sobrevivência e da morte, assim como de práticas curativas (FERREIRA; MARTINI, 2001).

Existem tribos da Bacia Amazônica, na região fronteira entre Venezuela, Colômbia e Brasil, que mantêm o hábito de mascar o “epadu” (denominação dada à coca no norte do Brasil) como forma de preparo das folhas torradas misturadas com elementos alcalinos, transformadas em pó e agrupadas em pequenas bolinhas. Rotineiramente, pessoas mais idosas ingerem o pó várias vezes ao dia na busca do bem-estar, ação euforizante e também devido ao valor nutritivo da planta (FERREIRA; MARTINI, 2001).

Na Europa, os primeiros relatos do uso da coca foram abordados por Américo Vesúcio (1499), publicados em 1507, que descreve a folha da planta sendo mastigada com cinzas (forma de consumo utilizada até hoje e que confere sensação semelhante ao estímulo provocado pela ingestão elevada de cafeína). Os hispânicos classificaram a coca como uma planta “enviada pelo demônio para

destruir os nativos”, porém a proibição do seu uso não perpetuou, pois os espanhóis constataram que os índios não conseguiam desenvolver tarefas pesadas sem o uso da coca, e em 1569 o ato de mascar coca foi declarado uma prática saudável e essencial à saúde do índio (FERREIRA; MARTINI, 2001).

Nos anos de 1920 e 30, os traços de efeitos indesejáveis e dependência da droga começaram a ser observados e descritos, e, com isso, a substância passou a ter seu consumo proibido. Porém, voltou a chamar a atenção novamente nos anos 80, devido ao efeito na melhoria do desempenho no trabalho e bastante euforizante, de modo glamourizado na alta sociedade (ALVES; RIBEIRO; CASTRO, 2011).

Sendo assim, nos Estados Unidos, devido à forte explosão do consumo, houve uma repressão aos laboratórios de refino de cocaína e produtos como éter e acetona, necessários para sua produção, foram retirados de circulação no mercado, ocasionando dificuldade da comercialização da droga em pó (RAUPP; ADORNO, 2011a).

Nesse cenário, uma nova fórmula caseira da droga foi criada por traficantes para dar seguimento à venda da substância. Diluindo-se pequenas quantidades de cloridrato de cocaína em bicarbonato de sódio ou amoníaco de água, tem-se a produção do crack. Portanto, o crack é considerado uma nova forma de apresentação e administração da cocaína, obtida por adição de uma base que permite seu uso por via fumada, através de cachimbos artesanais próprios para o seu uso (MALHEIRO; MAC RAE, 2011).

Draus e Carlson (2007) apontam em seus estudos o surgimento inicial do crack sendo nos Estados Unidos e caracterizado como um problema de alto perfil social em grandes áreas urbanas, em meados dos anos 1980. A inovação do "crack" foi em grande parte uma questão de *marketing*: cocaína, que na sua forma de pó (Cloridrato de cocaína) era muito caro e de acesso a poucos, a qual foi rapidamente disponibilizada em pequenas unidades (pedras), de fácil acesso, podendo ser fumadas, causando um potente efeito, de curta duração, seguido de euforia. O impacto da nova forma de apresentação da “cocaína” foi enorme, especialmente em países pobres e bairros urbanos onde se agravam os ciclos viciosos, a criminalidade, o desemprego e a negligência.

No Brasil, as únicas informações sobre a chegada da droga no país são provenientes da imprensa ou de órgãos policiais (PERRENOUD; RIBEIRO, 2012).

O primeiro relato de uso de crack no Brasil se deu em São Paulo no ano de 1989. Em 1991 houve a primeira apreensão policial da droga, momento em que, a partir daí, só veio a aumentar, progredindo de 204 apreensões em 1993 para 1906 no ano de 1995, fato que aponta a rápida popularização e crescimento do consumo da droga no país (OLIVEIRA; NAPO, 2008a).

Neste acelerado processo de popularização, os traficantes tiveram sua contribuição através de suas habilidosas táticas de mercado, pois, como maneira de divulgar a droga, foram esgotadas em todos os pontos de venda todas as reservas dos demais tipos de substâncias ilícitas, ficando à disposição do consumidor somente a pedra de crack, logo, o consumidor, sem alternativas, acabara por consumir o crack aderindo ao seu uso. Além do fato do baixo custo financeiro (cinco reais cada pedra), o que lhe conferia a falsa sensação de ser a droga mais barata do mercado (OLIVEIRA; NAPO, 2008b).

O crack é uma droga que produz uma euforia de grande magnitude e de curta duração, seguida de intensa fissura e desejo de repetir a dose, dessa forma, logo se percebeu o potencial altamente dependógeno dessa substância (ALVES; RIBEIRO; CASTRO, 2011).

Outro fator que contribuiu para rápida propagação do crack foi por se tratar de uma droga em que a via de administração é a via pulmonar, muitos consumidores de cocaína injetável substituíram seu uso pelo crack por medo da contaminação pelo HIV e também devido ao baixo preço agregado à droga, que atingiu as camadas mais populares (ALVES; RIBEIRO; CASTRO, 2011).

É comum, entre dependentes de crack, o hábito de passar noites e dias seguidos consumindo a droga até a sua completa exaustão, sem dormir e sem alimentar-se. Isso implica uma grande vulnerabilidade a doenças clínicas, desnutrição, e pela necessidade de consumir mais droga, comportamentos impulsivos, violentos e promiscuidade, no sentido de “lutar” pela obtenção da droga (ALVES; RIBEIRO; CASTRO, 2011).

O crack e a cocaína desencadeiam efeitos similares no organismo quando consumidos, no entanto a diferença principal entre essas substâncias é a via de consumo. O crack é consumido por via pulmonar (fumado), sendo assim, possuindo uma absorção instantânea pelo fato de o pulmão ser um órgão altamente vascularizado, fazendo com que os primeiros efeitos apareçam entre 10-15 segundos. Em contrapartida, a cocaína pode ser utilizada por via venosa ou

aspiração do pó, a aspiração demora cerca de 10-15 minutos para desencadear os primeiros efeitos, e por via injetável, de 3 a 5 minutos. Diante deste cenário do período para que as sensações se manifestem nas pessoas, o crack é considerado uma droga “poderosa”, já que o prazer é praticamente instantâneo (CARLINI et al., 2001).

Porém, o crack, tendo esta característica rápida de absorção, possui nas mesmas proporções a durabilidade de seus efeitos. A sensação causada no organismo com seu consumo dura cerca de 5 minutos, enquanto que a cocaína dura média de 20 a 45 minutos. Esta característica de aceleração de todo o processo de fumar crack (absorção e durabilidade) induz a pessoa a fazer uso mais frequente da pedra em busca de prazer mais duradouro, levando-a à dependência química mais rápido em relação a outras drogas (CARLINI et al., 2001).

Os efeitos mais marcantes do crack são a enorme sensação de prazer, intensa euforia e poder. Além desse prazer, a hiperatividade, insônia, perda de sensação do cansaço e falta de apetite são efeitos característicos proporcionados pelo uso da droga. Em menos de um mês, a pessoa perde cerca de 8 a 10 quilos do seu peso corporal e, em um tempo maior de uso, perde a noção básica de higiene pessoal e também perde-se de forma acentuada o interesse sexual, evoluindo para sensações desagradáveis de cansaço e depressão (NAPPO; GALDURÓZ; MATTEI, 1996).

Apesar de o crack aparecer na décima primeira posição das drogas mais utilizadas no país, a atenção dispensada a ele deve-se ao fato de a urgência do consumo da droga, associado à intensidade do seu efeito, caracterizar o seu uso como um problema de saúde pública (CHAVES et al., 2011).

3.2 Perfil das pessoas que consomem crack e padrões de uso

O perfil do usuário de crack, descrito pela primeira vez por Nappo, Galduróz e Mattei (1996), foi identificado como homem, jovem, de baixa escolaridade e sem vínculos empregatícios formais, estas pessoas consumiam exaustivamente a droga até que se esgotassem física, psíquica ou financeiramente.

Alves, Ribeiro e Castro (2011) apontam ainda que o crack, no seu surgimento, era uma droga utilizada comumente em grupos, dentro de casas, com graus variados de abandono e precariedade (*crack houses*).

Os motivos das pessoas para o consumo do crack modificaram com o passar dos anos; no início da década de 90, a “busca por sensação de prazer” era a justificativa mais marcante, já, ao final desta mesma década, o consumo era estimulado por compulsão, dependência ou como forma de lidar com problemas familiares e frustrações (RIBEIRO et al., 2012).

Estudos mais recentes realizados por Dualibi, Ribeiro e Laranjeira (2008) e por Oliveira e Nappo (2008a) apontam um perfil mais detalhado das pessoas que consomem o crack, sendo pessoas jovens (sem distinção de sexo), desempregadas, com baixa escolaridade e baixo poder aquisitivo, provenientes de famílias desestruturadas e com antecedentes de uso de múltiplas drogas e comportamento sexual de risco. Destacam, ainda, que o uso do crack vem sendo observado em idades cada vez mais precoces, em todo o país e em todas as classes sociais.

Esta observação dispensada aos mais jovens, público que vem crescendo no consumo do crack, justifica-se conforme o estudo de Marques e Cruz (2000):

“(…) pelo fato da adolescência ser um momento especial na vida do indivíduo. Nessa etapa, o jovem não aceita orientações, pois está testando a possibilidade de ser adulto, de ter poder e controle sobre si mesmo. É um momento de diferenciação em que ‘naturalmente’ afasta-se da família e adere ao seu grupo de iguais. Se esse grupo estiver experimentalmente usando drogas, o pressiona a usar também. Ao entrar em contato com drogas nesse período de maior vulnerabilidade, expõe-se também a muitos riscos.”

Quanto ao sexo da pessoa que faz uso do crack, a inclusão das mulheres na cultura do uso agravou-se no contexto do consumo da droga, pois as mulheres possuem e usam seu corpo como forma de negociação para obter a droga, trocando sexo por crack ou dinheiro, submetendo-se ao risco de infecção por HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis. Atitudes que interferem negativamente na saúde e funcionamento social da pessoa que usa crack de forma a marginalizá-la (NAPPO et al., 1999).

Em uma revisão realizada por Perrenoud e Ribeiro (2012), estes apontam que quem faz uso de crack apresenta um padrão mais grave de consumo, maior envolvimento em atividades ilegais e prostituição, maior risco dos efeitos adversos da substância e maior chance de morar ou ter morado na rua. Outro perfil detectado foi a migração do uso da cocaína em pó para o crack em busca de efeitos mais potentes da droga.

Quanto ao padrão de uso da cocaína e do crack, segundo Ribeiro et al. (2012), independente da via de administração, as pessoas que consomem essas substâncias as usam com regularidade. Quanto ao crack, seu padrão de consumo consiste na utilização da droga pelo menos três vezes por semana. O padrão compulsivo de consumo é o mais recorrente, com duração de vários dias e múltiplos episódios. Ainda, o crack apresenta maiores episódios de fissura e perda do controle sobre o uso da droga, levando a pessoa a consumir grandes quantidades por diversas horas e dias consecutivos.

Há dois conceitos de padrão de uso para o consumo de drogas descritos por Zinberg (1986), o uso “controlado” e o uso “compulsivo”. Para descrever esses conceitos, foi realizada uma pesquisa com pessoas que fumavam maconha, psicodélicos e opiáceos, para mostrar que uma quantidade significativa dessas pessoas conseguia manter equilíbrio entre consumo, cuidados de saúde e autonomia perante a droga. Com isso, diferenciaram-se os termos “uso controlado” e “uso compulsivo”, onde o primeiro teria baixos custos para a sociedade e não causaria danos sociais ao indivíduo; já o segundo conceito se define por um uso descontrolado e disfuncional, tendo efeitos contrários ao primeiro.

A pessoa que faz uso controlado de drogas costuma definir a quantidade ideal da droga a ser consumida de modo que esta não interfira nas atividades diárias ou limite meios físicos e sociais que propiciem segurança, propondo padrões de comportamento e mantendo suas atividades sociais (ZINBERG, 1986).

Contrário ao conceito de uso controlado, a forma abusiva de uso é marcada por um consumo diário e intenso em que o indivíduo não mais mantém o controle sobre o uso, seu pensamento foca-se somente na garantia da próxima pedra, de forma que atividades e compromissos como o sono, alimentação, afeto, senso de responsabilidade e sobrevivência deixam de ser prioridade (ZINBERG, 1986).

Estratégias são utilizadas entre as pessoas que consomem drogas para amenizar seus efeitos e conciliar de forma positiva este hábito ao seu estilo de vida, caracterizando esta prática como “uso controlado” e quebrando a visão de que toda pessoa que usa drogas possui comportamento compulsivo. Trata-se de ações comuns caracterizadas como redução de danos, como beber água, alimentar-se antes do uso, dormir, intercalar o crack com drogas mais leves, crack com tabaco (pitolho), crack com maconha (mesclado ou melado), e ainda intercalar com álcool. Essas associações são utilizadas tanto para potencializar o efeito do crack quanto

para amenizar alguns efeitos como delírio e alucinações (OLIVEIRA; NAPPO, 2008a,b).

3.3 Políticas Públicas sobre drogas e Atenção em Saúde a Usuários de Álcool e outras drogas

Presentemente, o Brasil dispõe da Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, a qual abarca a questão das drogas no país. Essa lei estabelece o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD), que prescreve:

“medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas e define crimes” (BRASIL, 2012).

Anterior a essa lei, as leis vigentes que o país adotava datavam do ano de 1976 (Lei nº 6368) e 2002 (Lei nº 10.409) e preconizavam a repressão. No entanto, dessas leis para a atualmente em vigência, o fator considerado de maior variação e impacto é que nesta nova e última lei houve a despenalização do crime de uso de drogas, havendo diferenciação perante a lei entre usuário e fornecedor, traficante e dependente, criminosos e vítimas, o que significa que um indivíduo flagrado fazendo uso de substância ilegal estará sujeito a penas alternativas e não diretamente a penas de prisão, o que possibilitará maiores chances de reabilitação e reinserção na sociedade (BRASIL, 2012).

Para que haja melhor compreensão do termo “droga”, o qual é eixo central desta temática, faz-se necessário entender o conceito dessa palavra para a legislação brasileira, para que assim compreenda-se quais produtos essa lei discute. Portanto, no Brasil, para fins dessa lei, “consideram-se como drogas as substâncias ou os produtos capazes de causar dependência, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União” (BRASIL, 2012). Nesse contexto, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) é o órgão responsável para listar as substâncias de uso ilícito e que causam dependência, através da Portaria nº 344, de 12 de maio de 1998 (BRASIL, 1998).

Para o Brasil, a criação do SISNAD foi um grande avanço no combate às drogas, pois coloca o país em destaque no cenário internacional nos aspectos

relativos à prevenção, atenção, reinserção social do usuário e dependente de drogas.

No entanto, cabe destacar que o Brasil assume de modo integral tais ações de controle às drogas, atendendo a propostas recomendadas pela III Conferência Nacional de Saúde Mental no ano de 2001 (BRASIL, 2003).

A lei em vigor reprime a produção não autorizada e o tráfico ilícito de drogas, bem como o plantio, a cultura, a colheita e a exploração de vegetais e substratos dos quais podem se originar as drogas, com exceção de casos autorizados judicialmente para fins medicinais ou científicos (BRASIL, 2012).

Dos princípios do SISNAD pode-se discorrer em destaque sobre a valorização ao ser humano, neles reforçam-se os direitos fundamentais do indivíduo, principalmente referentes à autonomia e liberdade, respeito às diferenças existentes entre populações e culturas para o controle do uso indevido de substâncias ilícitas, a ética, a participação social, integração de estratégias nacionais e internacionais de prevenção de uso de drogas, abordagem multidisciplinar na prevenção, atenção e reinserção do dependente de drogas (BRASIL, 2012).

No que tange à prevenção, o SISNAD é bastante claro em questões que envolvam atividades que reduzam fatores de risco e vulnerabilidade, fortalecendo fatores de proteção. Ações como quebrar estigmas e preconceitos das pessoas que usam drogas e nos serviços que as atendem, fortalecimento de autonomia e responsabilidade individual, estratégias preventivas adequadas às diferenças socioculturais, bem como as diferentes drogas utilizadas, tratamento especial às populações mais vulneráveis, articulação entre os serviços da rede e os familiares na comunidade, projetos pedagógicos aplicados à rede escolar e práticas esportivas, culturais e artísticas são alguns exemplos de ações preconizadas neste quesito (BRASIL, 2012).

A atenção e a reinserção do usuário na sociedade também são preconizadas pelo SISNAD, juntamente com seus familiares, mostrando a atenção integral que esse sistema dispensa ao usuário de drogas. Destacam-se como atividades neste componente estratégias diferenciadas para cada indivíduo e sua família, respeitando sua cultura, espaço e tempo; atenção multidisciplinar ao usuário e familiares; e projeto terapêutico individualizado, respeitando peculiaridades de cada pessoa (BRASIL, 2012).

A Lei nº 11.343 de 2006 ainda discorre sobre os crimes e as penas para quem transportar ou possuir consigo, para consumo próprio, substâncias ilegais sem autorização prévia judicial e também no que tange ao caráter de tráfico de drogas, que engloba a ação de fabricar, manter grande quantidade em depósito, importar, exportar, oferecer, vender ou trocar e manter plantações ilícitas que subsidiarão o preparo da droga (BRASIL, 2012).

As penas previstas para quem for surpreendido fazendo uso próprio de drogas compreendem desde a simples advertência sobre os efeitos da droga ao ser humano, à prestação de serviços à comunidade e ainda medidas educativas de comparecimento a programa ou curso educativo (BRASIL, 2012).

Quanto à repressão à produção não autorizada e ao tráfico de drogas, as penas diferem em relação ao porte de drogas para fins de consumo próprio. A comercialização de substâncias ilícitas implica inicialmente em reclusão de 5 a 15 anos e pagamento de multa. Neste contexto de fabricação e comércio de drogas, as penas costumam variar de acordo com o cenário da apreensão, levando-se em consideração alguns aspectos importantes como cultivo de plantas ilícitas, forma de comércio da droga (se induz, auxilia ou instiga mais pessoas a esta prática) e se há pessoas envolvidas como informantes/colaboradores no grupo. Assim, as penas aplicadas variam com base na avaliação judicial (BRASIL, 2012).

A atenção em saúde dispensada ao usuário de álcool e outras drogas tem sido impulsionada pela publicação da Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral aos Usuários de Álcool e outras drogas, que destina a rede de serviços a atender a população com problemas de saúde decorrentes do uso de álcool e drogas. Tal política instituiu como princípios a “Redução de Danos, definiu competências para os três níveis de gestão do SUS e criou mecanismos de financiamento específicos” (BRASIL, 2003).

Essa política impera à luz dos princípios da Reforma Psiquiátrica, priorizando fortalecimento de uma rede de assistência de atenção comunitária juntamente com a rede de serviços de saúde e sociais, com ênfase na reabilitação e reinserção social dos usuários, através de dispositivos extra-hospitalares de atenção psicossocial especializados articulados ao restante dos serviços de saúde (BRASIL, 2003).

Como serviços especializados em saúde mental entende-se os Centros de Atenção Psicossocial para Álcool e drogas (CAPSad) e a lógica do Serviço de Redução de Danos (RD).

O CAPSad é um serviço que oferece atendimento diário a pessoas usuárias ou em abstinência de álcool ou drogas, admite um planejamento terapêutico individual dentro das peculiaridades de cada usuário, favorecendo acompanhar a evolução de cada um, conta com o apoio de leitos psiquiátricos em hospital geral, práticas de atenção comunitária (internação domiciliar ou participação comunitária) e comunicação com toda rede básica de saúde. Oferece atendimento ambulatorial, desde atendimento individual, grupos, oficinas terapêuticas e visitas domiciliares. Dispõe ainda de leitos para repouso dos usuários e desintoxicação ambulatorial (BRASIL, 2003).

A estratégia de Redução de Danos (ERD) atua na lógica de respeitar a singularidade de cada pessoa, respeitando as escolhas que cada um faz para sua vida. Cabe, aqui, acolher sem julgar, mostrando caminhos e estratégias em defesa de sua vida, estimulando a liberdade e a responsabilidade do ato de lidar com drogas. Para tanto, profissionais capacitados trabalham na comunidade, no território junto às pessoas que usam drogas, inseridas em seu meio, desenvolvendo ações de prevenção, educação e promoção de saúde (BRASIL, 2003).

A Reforma Psiquiátrica possui respaldo legal através da Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais. Como citado anteriormente, são os princípios da Reforma que regem a Política de Atenção ao usuário de drogas, no entanto, cabe aqui destacar que é nesta lei de 2001 que brota a questão que atualmente mostra-se em evidência no atual governo, a internação compulsória/involuntária (BRASIL, 2001).

Existem três tipos de internação psiquiátrica: internação voluntária, internação involuntária e internação compulsória. A internação voluntária é aquela com o consentimento da pessoa internada; internação involuntária acontece sem o consentimento do internado mas a pedido de um terceiro; e a internação compulsória é quando trata-se de decisão judicial (BRASIL, 2001).

Por fim, estes conceitos de internação que aqui foram abordados, mesmo não estando incluídos nas políticas específicas para uso de álcool e outras drogas pelo motivo anteriormente explicado, são temáticas em evidência no atual governo, a qual tem gerado ideias polêmicas e divergentes entre a população como formas de

tratamento a dependentes químicos. E também por estar em trâmites legais, aguardando deliberação no Plenário, o Projeto de Lei 7.663/2010, do deputado Osmar Terra, que altera a atual lei em vigor; na nova proposta há a inclusão da internação involuntária/compulsória do dependente químico como forma de tratamento, inserção de comunidades terapêuticas na rede de serviços públicos e aumento da pena mínima para traficantes de cinco para oito anos de reclusão social, assumindo um viés punitivo a nova Política de Drogas no país.

4 Referencial Teórico

4.1 Teoria dos Dons e Dádivas de Marcel Mauss

Marcel Mauss é conhecido no meio científico como um “célebre antropólogo francês”, nasceu em Épinal (França) no ano de 1872, proveniente de uma família judia praticante que residia na fronteira com a Alemanha. Mauss fundou, praticamente sozinho, a antropologia francesa, além de ter conseguido formar uma nova geração de sociólogos. Era um socialista revolucionário que contribuía na imprensa de esquerda e participava do movimento cooperativista, integrava o Partido Socialista Francês ativamente, acreditando firmemente na causa a ponto de doar suas economias ao partido (CAILLÉ; GRAEBER, 2002; LANNA, 2000).

Mauss era sobrinho do também sociólogo francês Emile Durkheim, no entanto progride em relação ao tio, por assumir uma postura crítica em relação à filosofia e adotar a etnografia, explorando as sociedades não ocidentais e admitindo a comparação. Indo mais além, Mauss interessava-se pelas manifestações dos fenômenos humanos em quaisquer tempo e espaço do planeta e defendia o simbolismo presente nas relações humanas (CAILLÉ; GRAEBER, 2002; LANNA, 2000).

Dentro da história das Ciências Sociais e da Sociologia, apesar de toda sua contribuição para o crescimento e desenvolvimento de tais ciências, Mauss foi vítima de esquecimento, injustiças, e também fortemente subestimado. Ainda assim, teve grande destaque e ideias decisivas no que tange à constituição da etnologia científica francesa, possuindo importantes e célebres seguidores, como Claude Lévi-Strauss, Roger Caillois, Georges Bataille e Louis Dumont. Foi fonte de inspiração para o progresso da filosofia francesa e até a década de 70, no curso de licenciatura em

Filosofia, por exemplo, não havia nenhum estudioso que não tivesse lido a obra “Ensaio sobre a dádiva” (principal obra publicada em 1923-1924) (CAILLÉ, 1998).

Caillé (1998), um sociólogo francês de renome dentro das Ciências Sociais e um dos principais difusores do pensamento maussiano na atualidade, explica em uma de suas obras os motivos para que Mauss fosse assentado no esquecimento e vítima de injustiças. Motivos haveriam de existir, diz ele, não sendo acusado de forma vazia e insana. Os motivos que explicam o descrédito atrelado a Mauss são vários, alguns mais fortes e outros nem tanto. Primeiramente, referem-se à escola sociológica francesa, onde a obra de Mauss não se encaixa em nenhuma das disciplinas das ciências sociais, Mauss era considerado um etnólogo entre os sociólogos. Para os profissionais da área da economia, as descobertas de Mauss afetariam diretamente esta área, não fosse o conteúdo e a forma com que foram expostas tornarem tais descobertas praticamente imperceptíveis.

Para Caillé (1998), os seguidores de Mauss também possuem parcela nos motivos pelos quais ele foi subestimado, muitos deles tornaram-se mais famosos do que o próprio “inspirador”, pelo fato de conseguirem desmembrar a complexidade de seus pensamentos.

Outro fato de grande impacto perante a população científica é quanto à questão de Mauss nunca ter escrito um livro completo, por inteiro, nem mesmo sua tese sobre oração ele terminou de escrever. Isso demonstra a resistência que Mauss tinha à sistematização de seu pensamento, com ele nada era passivo de ser exposto em manual ou livro. Mauss passou sua vida toda escrevendo cinco livros ao mesmo tempo, sem concluir um sequer. No entanto, publicou uma série de ensaios (CAILLÉ; GRAEBER, 2002).

E, por fim, encerrando os motivos que levaram Mauss a ser subestimado, Caillé (1998) aponta que Mauss sempre teve um lado político muito acentuado e com isso sempre demonstrou o gosto pela militância, possuindo envolvimento muito forte nas causas cívicas e socialistas. Perante esse envolvimento, tornou-se advogado na França do socialismo associativo, investindo por inteiro na causa como pessoa.

De fato, a literatura aponta Mauss como sendo um homem com traços políticos muito fortes. Engajado em correntes políticas também fortes na época, Mauss seguia o socialismo de Robert Owen (socialista e fundador do cooperativismo, que defendia a ideia de que para haver uma verdadeira sociedade

socialista era necessário haver uma modificação de caráter no homem, o qual poderia ser atingido por transformação do meio e pela educação e desempenhava grande atenção à qualidade de vida dos trabalhadores), ele ainda defendia a ideia de que o papel do Estado era de fornecer o enquadramento legal a um socialismo que deveria emergir da base através da criação de instituições alternativas (CAILLÉ; GRAEBER, 2002; PANNEKOEK, 2007).

Devido à sua participação ativa dentro do movimento cooperativista e por criar uma cooperativa de consumo em Paris, a qual gerenciou por um longo período, Mauss foi encarregado de manter contato com o movimento cooperativista no exterior, passando algum tempo de sua vida na Rússia, após a Revolução, o que contribuiu de fato para sua teoria e seus escritos (CAILLÉ; GRAEBER, 2002).

Mauss foi um teórico com um posicionamento crítico contra a visão econômica do mundo. Seus escritos empreendem a crítica da imagem do *homo oeconomicus* que se impõe, cada vez mais forte, tanto nas ciências sociais, quanto na vida das sociedades. Essas críticas fundamentam-se nas descobertas feitas pelo próprio Mauss nas sociedades selvagens ou tradicionais, ou ainda por ele denominadas como “sociedade primeira”. Nessas sociedades as relações de troca ocorrem à luz do modelo chamado de tripla obrigação (dar, receber e retribuir), contrário ao modelo de mercado, do “da cá, toma lá” vigente até os dias atuais (CAILLÉ; GRAEBER, 2002).

O neoliberalismo, atualmente, é considerado um paradigma dominante. É ainda chamado de utilitarismo, *homo oeconomicus*, teoria econômica neoclássica, entre outros. Contudo, existe um núcleo comum a todas essas teorias: procuram explicar o sistema de produção, estão ligadas a tudo que circula, e, principalmente, visam à circulação das coisas e dos serviços na sociedade a partir das noções de interesse, de racionalidade e de utilidade. Esta teoria vem crescendo e dominando as relações, a ponto de influenciar o indivíduo a pensar o que circula na sociedade a partir das noções de interesse e vigentes neste modelo (GODBOUT, 1998).

Mauss, através de sua teoria do Dom, busca explicar o sistema de trocas e a constituição de alianças nas relações humanas, sendo assim, umas das principais contribuições para a sociologia foi demonstrar que o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação, no qual, sobretudo, o simbolismo é fundamental, permeando essas relações (MARTINS, 2005). Mauss concluiu seus pensamentos e achados a partir da análise de trocas vigentes nas sociedades arcaicas, onde o

mesmo expõe tais conclusões na sua mais clássica obra – Ensaio sobre a dádiva: *forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* – publicado em 1923.

Essa importante obra de Mauss descreve a natureza das transações humanas nas sociedades primitivas situadas na orla sul do Pacífico (povos polinésios e melanésios) e os povos do noroeste americano, como se davam as relações sociais, jurídicas e econômicas, as relações de troca e de contrato e o mercado antes da criação da moeda, ou seja, como moeda e a moral regiam estas transações (MAUSS, 2003).

Em meio a seus escritos e ideias de construção de sua teoria a partir da análise e estudo dos sistemas relacionais dos povos arcaicos, Mauss levava em consideração a experiência que tivera na Rússia, devido à prática política e cooperativa que possuía, diante do Bolchevismo (movimento extremista anticapitalista, defensor da ideologia comunista e socialista) vivenciado na época, que o horrorizou pelo terror desempenhado pelos bolcheviques na extinção das instituições democráticas. Dessa forma, o ensaio sobre o dom representava em primeira instância uma resposta aos acontecimentos da Rússia, principalmente a tentativa frustrada de abolir o comércio (1921), logo neste país que na época era o menos monetarizado da sociedade europeia. Assim, Mauss deduzia que era necessária uma reflexão mais profunda dos revolucionários acerca do mercado, sobre seu real significado, sua origem e o que poderia substituí-lo de forma plausível. Neste contexto de dúvidas e incerteza, Mauss aproveitava para reafirmar a importância de atentar para as pesquisas históricas e etnográficas no meio científico (CAILLÉ; GRAEBER, 2002; PANNEKOEK, 2007).

Mauss (2003), nas suas observações destacava que na Polinésia as trocas não eram estabelecidas entre indivíduos, “era considerado a coletividade, que se trocavam, contratavam e obrigavam mutuamente”. Tratava-se de clãs, tribos e famílias que se enfrentavam a fim de estabelecer contratos. No entanto, as trocas não reduziam-se somente a bens e riquezas, bens materiais ou econômicos, e, sim, prezava-se por amabilidades, banquetes, ritos, mulheres, crianças, danças, festas e feiras. Esses contratos se davam de forma voluntária, embora fossem, no fundo, rigorosamente obrigatórios (pois o doador, ao presentear, dá algo de si, criando um vínculo de almas, simbólico), sob risco de guerra privada ou pública entre os contratantes (esse tipo de relação era chamado de *sistema das prestações totais*).

O sistema de troca denominado *potlatch* remete à “prestação total de tipo agonístico”, ou seja, aquilo que provoca a rivalidade, a competição entre pessoas, famílias ou clãs. Mauss cita que tal prática era comum entre os índios da costa noroeste da América do Norte, na qual cada chefe oferecia seus bens, competindo entre si para ver quem oferecia maior quantidade de bens (geralmente brasões de cobre esculpido e peles de animais), era o mais generoso. Dessa forma, o vencedor era quem dava ou destruía mais, pois neste ritual, os chefes deveriam gastar ou destruir tudo o que possuíam e nada guardar. A destruição significava evadir à retribuição, e com isso recriar a vida do doador (MAUSS, 2003).

Havia também o chamado *kula*, uma outra forma de troca intertribal, na qual há trocas circulares de bens úteis (braceletes e colares) entre diferentes ilhas melanésias. Mauss (2003) explica o *kula* como sendo o *potlatch* da população Trobriandense e que foi visto por ele como o melhor exemplo de doação. Já na Polinésia (em Samoa) os sistemas contratuais envolviam eventos como casamento, nascimento de filho, circuncisão, puberdade de menina, comércio e ritos funerários (MARTINS, 2005; MAUSS, 2003).

Ainda neste contexto de trocas entre os povos, Mauss (2003) trabalha com os conceitos de *taonga* e *hau*, comuns em Samoa, entre a população polinésia. O *taonga* são objetos ligados ao solo de onde provêm, da pessoa proprietária. Podem ser objetos como talismãs, esteiras e tesouros que as mulheres herdavam ao casar-se. Já o *hau* é a força que existe no *taonga* a retornar ao seu proprietário original. É o espírito da coisa doada e que tende a retornar como forma do próprio bem ou com algo que o substitua, incentivando a retribuição.

Mauss explica, ainda baseado na relações dos povos primitivos, que a prestação total não sugere somente a obrigação de retribuir os presentes recebidos. Tratava-se também de duas outras obrigações igualmente importantes: a obrigação de dar e a obrigação de receber. Não dar, não convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra, significando negar uma possível aliança e comunhão. Assim, neste sistema existem os Pigmeus, para quem relações de troca distanciavam-se do comércio e tipos de trocas das sociedades mais desenvolvidas. O objetivo principal era moral, produzir uma relação de amizade entre os envolvidos (MAUSS, 2003).

Dos escritos de Mauss (2003) publicados na sua mais clássica obra, o sociólogo desvendou que, nos povos polinésios e melanésios, a dádiva era o regime

que reinava, a vida moral e material e a troca aconteciam de forma desinteressada e obrigatória ao mesmo tempo. A obrigação se demonstrava de maneira mítica, imaginária, simbólica e coletiva. O interesse aparecia ligado às coisas trocadas; a comunhão e a aliança feitas eram indissolúveis. E é dessa forma, que esses povos arcaicos sentiam-se atrelados uns aos outros, pois sentiam-se que se devem tudo constantemente.

Mauss concluiu que na verdade nenhuma sociedade baseava-se no *escambo* e sim que os objetos circulavam baseados em princípios bem opostos aos princípios econômicos, circulavam sob a forma de dons, havendo manifestação de generosidade e distanciando-se do ato preciso de calcular (receber o mesmo que doou). Nesse cenário, o dom era altamente competitivo, porém, competitivo no sentido de quem dá mais, quem é mais generoso, havendo distribuição de milhares de bens (pulseiras, colchas, etc.) ou destruindo suas riquezas (CAILLÉ; GRAEBER, 2002).

Diante da breve e resumida explanação acerca da origem dos Dons e Dádivas, dos pensamentos e caminhos que levaram Mauss a formular sua teoria, compreendê-la na contemporaneidade torna-se um exercício mais simples. De fato existem seguidores e defensores que buscam resgatar tal teoria para fundamentar relações de solidariedade, de aliança de competição nas atuais sociedades, fazendo com que Mauss ocupe seu devido lugar de destaque entre os mais célebres sociólogos.

Caillé (2002) refere-se a dons e dádivas também entendidos como símbolos ou, então, toda forma de simbolismo sendo ou devendo ser compreendida como um dom. Portanto, o paradigma do dom pode ser também denominado como paradigma do simbolismo.

Remetendo-nos ao paradigma, é válido trazer aqui uma discussão muito forte que há nas ciências sociais. A discussão existente é se tal teoria aqui em evidência pode ser considerada um paradigma, ou, ainda, o terceiro paradigma, levando-se em consideração que já existem dois grandes paradigmas reconhecidos, que são o holismo e o individualismo.

O individualismo, ou ainda abordado por alguns autores como utilitarista, contratualista, instrumentalista, aspira que todas as ações derivem de cálculos e sejam racionais, sendo assim, a única forma de realidade para os indivíduos. Já o holismo almeja uma realidade em que os grupos ou classes expressem uma

totalidade *a priori* que lhes preexiste, é um conjunto das ações dos indivíduos comandado por uma totalidade social. Nestes dois paradigmas, a dívida é incompreensível, pois ambos os paradigmas são regidos ou pelo interesse individual (individualismo) ou pela obrigação/pressão social e cultural (holismo); partindo destes aspectos íntimos de cada paradigma é que surge a necessidade de se criar um terceiro (CAILLÉ; GRAEBER, 2002; CAILLÉ, 2002).

A obrigação de dar descoberta por Mauss comumente é interpretada como sendo um ato de caridade, mas o dom não tem ligação com obrigação caritativa. Oposto a isso, o dom tem a intenção de provocar os outros a um desafio de generosidade (CAILLÉ; GRAEBER, 2002).

Uma outra forma de conceituar dons e dívidas é descrita por Godbout (1998; pág.5), que refere-se à “dívida como sendo tudo o que circula na sociedade sem ligação ao mercado, ao Estado ou a qualquer forma de violência física; é puramente o que circula em prol do ou em nome do laço social na relações sociais”.

Nas relações à luz dos dons e dívidas, os agentes sociais não se baseiam na equivalência entre si. Existe uma distorção, muitas vezes, acerca deste entendimento, levando a uma compreensão leviana de que se dá algo pensando em receber (deu para receber), sendo o ato de receber o objetivo principal e a dívida sendo um meio para tal. O objetivo principal da dívida não é a retribuição, na dívida dá-se, e muitas vezes até recebe-se muito mais de volta, mas esta relação inicialmente estabelecida pela dívida é muito mais complexa do que o simples ato da retribuição, o que torna os dons e as dívidas contrário ao modelo mercantil vigente (GODBOUT, 1998).

O modelo mercantilista se fortalece através da liquidação da dívida gerada em suas relações numa busca constante de equivalência entre os sujeitos. A dívida, ao contrário, busca a dívida para manter-se. Não se trata de uma noção contábil, trata-se de uma conjuntura onde cada um considera que mais recebe do que dá, caracterizando uma situação de dívida na crença de que deve “muito” aos outros. Os parceiros numa situação de dívida ficam sempre em situação de dívida. Portanto, o sistema da dívida se situa, assim, no polo oposto ao do sistema mercantil (GODBOUT, 1998).

Permeando os dons e dívidas, existe o ato da liberdade que possibilita a negação da obediência e regras no comportamento, pois a dívida se afasta de tudo que se configura como regras e deveres, repudiando qualquer forma de contratos e

comprometimentos sociais e mercantis. Diante disso, fortalece-se a ideia de que a dádiva não tem como objetivo principal a retribuição, oposto a isso, o doador, numa dádiva, dá indícios de uma modéstia demasiada, pois as falas numa relação direta entre pessoas, como: de nada, *di niente*, *my pleasure*, em retorno ao agradecimento do receptor, tiram o peso da obrigação do receptor em retribuir a gentileza, caracterizando uma verdadeira dádiva. As pessoas envolvidas em um dom, valorizam este ato, caracterizam como um prazer vivenciado, e, no entanto, uma dádiva realizada por obrigação ou dever descaracteriza a verdadeira dádiva, tornando-a de baixa qualidade (GODBOUT, 1998).

A liberdade, o prazer do gesto, espontaneidade, a não equivalência, a dívida, a incerteza da relação/do retorno e aversão a deveres e regras caracterizam as relações embasadas em dons e dádivas (GODBOUT, 1998).

Caillé (1998) define, numa perspectiva sociológica, o dom de maneira a se entender que toda prestação de serviços ou de bens ocorre sem uma intenção de retribuição, mas sim com a intenção de manter ou criar e ou reconstituir o vínculo social.

Em uma das obras de Mauss, o ponto forte é que a dádiva produz a aliança, sejam as matrimoniais, políticas (troca entre chefes), religiosas (como por exemplo nos sacrifícios, interpretados como uma forma de relacionamento com os deuses), jurídicas e econômicas e ainda as relações pessoais de hospitalidade.

Para romper o isolamento e para sentir a própria identidade, é assim que Godbout (1998) conclui seu pensamento sobre a dádiva. Sendo desta forma que as pessoas possuem o gosto por “dar”, para se conectar à vida, fazer circular as coisas, sentir que não se está só. Justificando os dons e dádivas como sendo tudo aquilo que circula a serviço do laço social.

No âmbito do dom e dádiva, a retribuição é equivocadamente colocada como princípio maior, e a responsável por isso é a antropologia, a qual sempre focalizou suas reflexões na circulação objetiva dos bens, sem valorizar e priorizar o significado da circulação destes bens. Mauss, portanto, rejeita a retribuição como norma principal no sistema de dons e dádivas (GODBOUT, 1998).

Pensando a partir da dívida, que é o que move o dom, cinco modelos de dons são elaborados na obra de Godbout (1998):

SOLIDARIEDADE: neste tipo de dom, a dívida se aproxima do débito.

O DOM AGONÍSTICO ENTRE IGUAIS: neste, a dívida mais se aproxima da igualdade. Aqui, a reciprocidade desempenha importante papel, na condição que este caso situa-se entre iguais.

O DOM ENTRE DESIGUAIS, HIERÁRQUICO: aqui a dívida é estruturalmente desigual. O vínculo é formado em um dom de vida (exemplo: relação entre padrinho e afilhado, e o dom perpetuará por toda a existência).

O DOM AOS DESCONHECIDOS: como o próprio conceito remete, é um dom realizado a um desconhecido, sem vínculo existente entre doador e receptor. Neste caso, o dom não volta ao doador de forma direta, mas sim indiretamente.

DÍVIDA MÚTUA POSITIVA: encontrado principalmente entre parentes e nos vínculos primários, também é possível de acontecer no dom aos desconhecidos. Acontece quando o doador tem o desejo de dar ao outro pelo que ele é, sem pensar no que recebeu ou receberá do outro. E chama-se dívida mútua, quando os dois sujeitos alcançam esta ideia, tanto doador quanto receptor. (GODBOUT, 1998)

Finalizando a importância e o papel de destaque de Mauss nas ciências sociais, ele foi o inspirador de um “Movimento antiutilitarista nas Ciências Sociais”, o qual enfrenta os fundamentos filosóficos da teoria econômica. A partir desse posicionamento de Mauss, um pequeno projeto nasceu em 1981 de Allain Caillé e Gerald Berthoud (antropólogo suíço), através de uma versão simples de revista, a qual ganha força e popularidade na década de 90, tornando-se a atualmente conhecida *La Revue du M.A.U.S.S (Mouvement Anti-Utilitariste dans les Sciences Sociales)*, com publicações importantes acerca do assunto com periodicidade semestral, constituída por sociólogos, antropólogos, economistas, historiadores e filósofos tanto da Europa como da África e Oriente Médio (LANNA, 2000; MARTINS, 2005).

5 Metodologia

5.1 Caracterização do estudo

A presente pesquisa é um recorte do projeto “Perfil dos usuários de crack e Padrões de uso na cidade de Pelotas-RS”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do edital MCT/CNPq 41/2010. Tal projeto constitui-se de duas etapas, uma de abordagem quantitativa e outra qualitativa, e tem como objetivo caracterizar o perfil dos usuários de crack do Município de Pelotas/RS e seus padrões de uso.

Este estudo refere-se à etapa qualitativa do projeto maior e foi desenvolvido de acordo com a perspectiva etnográfica.

Aplica-se a pesquisa qualitativa, tendo como foco a intersubjetividade (relação subjetiva entre indivíduos) e a objetivação dela, não se preocupando em quantificar o que se apreende da realidade, indo ao encontro do que se pretende desenvolver por meio deste trabalho (FONSECA, 1999).

Já o método etnográfico trata-se de um exercício que abrange muito mais que a ocorrência de estabelecer relações, transcrever textos, eleger informantes, mapear campo e construir um diário. Fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, contraditório e com comentários tendenciosos. É papel do pesquisador traduzir o mundo simbólico que abarca as diferentes formas de cultura a partir de uma análise interpretativa (GEERTZ, 2008). Este método é visto como o encontro entre o individualismo metodológico (que tende para sacralização do indivíduo) e a perspectiva sociológica (que tende para o social) (FONSECA, 1999).

O consumo de crack e outras drogas é um complexo fenômeno atrelado de significados socioculturais e que instiga a sociedade a uma série de questões, no que tange à caracterização desta pessoa que faz uso de substância psicoativa (quem é esta pessoa, por que usa drogas, por que usa o crack, em que condições vive, como faz uso destas drogas e quais as trajetórias de uso, como ocorrem ou se dão as trocas e alianças). Dessa forma, o entendimento e a compreensão desses fenômenos serão mais bem apreendidos por meio de uma inserção mais direta no campo a ser pesquisado.

O propósito fundamental da investigação de tipo etnográfico é a descrição cultural, possibilitada primordialmente pela observação participante de atividades desenvolvidas pelos membros de um determinado grupo durante um período de tempo relativamente longo (NEVES, 2006).

5.2 Aproximação com os participantes e o cenário de estudo

A coleta dos dados ocorreu no Município de Pelotas/RS, com a ajuda da Estratégia de Redução de Danos (ERD). Teve como ponto de partida a observação direta, evoluindo para observação participante, sempre que as condições do campo permitiram.

O Município de Pelotas possui uma população de 328.275 habitantes, área territorial de 1.610 km², a terceira cidade mais populosa do estado e está situado na região sul do Estado do Rio Grande do Sul (BRASIL, 2010).

A ERD de Pelotas pertence à Secretaria Municipal da Saúde (SMS) e desenvolve suas atividades junto ao Programa de DST/AIDS, atuando na perspectiva do Programa de Redução de Danos (PRD). Os locais de atuação do serviço compreendem cinco grandes áreas da cidade (Areal, Fragata, Zona Norte, Centro, São Gonçalo) nas quais os Agentes Redutores de Danos (ARDs) realizam abordagem direta a pessoas que fazem uso de drogas, inseridos no território que estes indivíduos pertencem. Compõem a equipe da ERD uma coordenadora, uma enfermeira e seis ARDs (AL ALAM et al., 2012).

As observações foram realizadas em ambientes urbanos, públicos e particulares em que pessoas faziam uso de crack e outras drogas. Estas observações aconteceram sempre nos bairros de atuação da ERD.

Meu contato com esses ambientes ocorreu anteriormente a esta pesquisa (nos meses de outubro de 2011 a fevereiro de 2012), pois, durante a realização da etapa quantitativa do projeto “Perfil dos usuários de crack e Padrões de uso na cidade de Pelotas-RS”, foi necessário o deslocamento de vários entrevistadores a esses locais para realizar as entrevistas da pesquisa. Dessa forma, durante aproximadamente cinco meses frequentei esses bairros, em sua maioria localizados na região periférica do município, e alguns, sob meu olhar, tendo a pobreza da população como característica mais marcante; assim, conheci um pouco da realidade vivenciada por pessoas dependentes químicas no meio no qual estão inseridas.

Esta breve atuação neste contexto de relação e proximidade com usuários de drogas foi o grande disparador para o nascimento do atual projeto. Neste período de contato com pessoas inseridas em seus territórios fazendo uso de drogas e defendendo esta prática como prazerosa e feita por livre escolha, sem desejo de mudanças, fez com que muitos paradigmas se quebrassem da mesma forma com que muitas inquietações surgissem.

Presenciar cenas de grupos de pessoas em condições de higiene precárias ou mesmo ausentes, em meio ao lixo, em casas em estado de abandono ou simplesmente perambulando pelas ruas, deixando famílias, lares e toda a história de vida para trás, adotando a “pedra” como bem valioso de sua atual condição de vida, inquietou-me a ponto de me questionar qual o sentido da vida para estas pessoas, ou seja, despertou o desejo de conhecer o sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack e outras drogas dentro das cenas de uso.

Dessa forma, sempre com o apoio da ERD, meus contatos com essa população foram aumentando e laços foram se estreitando. Assim, da mesma forma como eram feitos os contatos para a etapa quantitativa para a realização de entrevistas dos usuários de drogas, por intermédio dos ARDs, tal pesquisa manteve-se nos mesmos padrões, com a ida da pesquisadora a campo sempre acompanhada de um ARD e devidamente identificada.

No entanto, em um determinado período de tempo, após o término da etapa quantitativa (março de 2012), e início da presente pesquisa (dezembro de 2012), a ERD passou por algumas turbulências em seu processo organizacional e de trabalho. Coordenação do serviço remanejada, defasagem no número de ARDs e ausência de transporte (carro) para deslocamento de pessoal até o campo foram

algumas das mudanças que refletiram na qualidade do serviço prestado. Este momento de mudanças e ajustes a que o serviço esteve sujeito foi atrelado ao período eleitoral que o município vivenciou na época.

Por esses motivos, o início da inserção em campo foi comprometido, havendo atraso na data prevista de início e posteriormente havendo dias em que a ida a campo era inviável pela falta de transporte.

Porém, devido à solidariedade dos ARDs e ao grande desejo para a realização da pesquisa, um acordo foi realizado entre mim e equipe: na indisponibilidade de transporte da Secretaria de Saúde para ida ao campo, eu assumiria a responsabilidade de deslocamento, disponibilizando transporte de uso pessoal e particular para deslocar a equipe até o campo.

Nessas circunstâncias, passaram-se três a quatro meses de despesas pessoais em prol deste estudo. Entretanto, a partir do mês de abril de 2012, a perspectiva de melhora de atuação do serviço voltou a motivar os ARDs, pois os seis ARDs que atuavam antes aumentaram para 11, um novo carro foi disponibilizado exclusivamente para o serviço com expectativa de substituição por um micro-ônibus, materiais como seringas, agulhas e água destilada voltaram a ser fornecidos aos usuários de substâncias injetáveis, além de preservativos masculinos.

Assim, o cenário de atuação e observação tornou-se mais favorável, pois com o serviço funcionando plenamente, com agentes capacitados e com ferramentas para desenvolver o trabalho, o sentimento de fazer parte do serviço e vivenciar a realidade de fato, sentindo-me inserida por completo em campo na dinâmica do serviço, fez com que meu olhar amadurecesse para diferentes questões, ajudando a compreender o fazer etnográfico.

Em suma, acompanhei os ARDs por oito meses consecutivos para realização deste estudo, encontrei cenários surpreendentes de uso a cada novo dia de experiência, partilhando de vivências únicas com usuários de substâncias psicoativas nos mais diversos locais e situações de agrupamento. O campo prático teve duração do mês de dezembro de 2012 a julho de 2013, com aproximadamente 90 dias e 360 horas de observação.

5.3 Participantes do estudo

Os participantes do estudo foram pessoas que faziam uso de crack ou outras drogas no cenário de uso de drogas (urbano, público ou privado) e que aceitaram que fosse realizada a observação. Os participantes com quem mais tive contato e acompanhei continuamente foram 13, no entanto, as pessoas com quem cruzei e observei durante o campo foram incontáveis.

5.4 Critérios de inclusão dos participantes

Pessoas que aceitaram participar da pesquisa.

Maiores de 18 anos de idade.

Estar fazendo uso de alguma droga ilícita no momento da observação.

Pessoas que frequentem a cena de uso, para que possam ser acompanhadas pela observação por no mínimo seis meses.

Quando a observação aconteceu em ambiente privado, a etnografia começou pela moradora da casa selecionada como cena de uso.

5.5 Procedimentos de coleta de dados

O presente estudo emprega a técnica da observação participante, entrevista com pessoas que fazem uso de crack e outras drogas, sendo, posteriormente, todos os dados registrados em um diário de campo.

A observação participante pode ser considerada parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa (MINAYO, 2010). Observar significa examinar com todos os sentidos um evento, um grupo de pessoas, um indivíduo dentro de um contexto, com o objetivo de descrevê-lo. A escolha pela observação participante se dá devido à questão de que há inúmeros elementos que não podem ser apreendidos por meio da fala ou da escrita. Os comportamentos individuais e grupais, o ambiente e a linguagem não verbal e a temporalidade com que ocorrem os eventos são fundamentais de serem descritos como subsídios para interpretação dos eventos na sua totalidade (VICTORIA et al., 2000).

A observação participante foi sistematizada pelo antropólogo Bronislaw Kasper Malinowski, em 1922, quando pesquisava nativos da Oceania, consolidando

um método que, embora não fosse totalmente inédito, passou a ser visto como o principal meio de aferição da qualidade das etnografias (SILVA, 2006).

Em qualquer nível de profundidade em que for realizada, na observação participante, tradicionalmente utiliza-se um instrumento denominado “diário de campo”. Esse diário é um caderno de notas, em que o investigador, dia por dia, vai anotando o que observa e que não é objeto de nenhuma modalidade de entrevista. Nele são escritas impressões pessoais, resultados de conversas informais, observações de comportamento contraditório com as falas (MINAYO, 2010). O diário possibilita fazer a textualização da experiência, transforma a observação em dados e permite a objetivação da intersubjetividade.

Inicialmente optou-se por construir o diário de campo de forma digitalizada; após saída do campo de pesquisa todas as informações, vivências e interpretações eram imediatamente digitadas. No entanto, com a rotina de ir a campo diariamente e a grande demanda de informações e cenas vividas, tal tarefa tornou-se árdua e trabalhosa. Após repetidas leituras dos manuscritos, percebeu-se que riquezas de detalhes estavam sendo perdidos e as emoções vivenciadas no momento do campo não permeavam as palavras e os seus sentidos. Assim, pensou-se que gravar em forma de narrativa as experiências do campo seria uma boa alternativa. A partir de então, após três meses de campo, o diário de campo passou a ser gravado e posteriormente transcrito.

5.6 Análise dos dados

A análise dos dados obtidos apresenta-se embasada no Interpretativismo de Clifford Geertz (2008).

Clifford Geertz foi o fundador da Antropologia Interpretativa, fazendo uma forte crítica ao etnógrafo Bronislaw Malinowski, que fez de seus manuscritos apenas descrições densas e exaustivas dos cenários de estudo de que fez parte, resumindo-se a apenas isto e dispensando análise e interpretação de conteúdo (GEERTZ, 2008).

O interpretativismo é descrito como sendo uma análise que penetra o corpo do objeto de estudo, ou seja, inicia-se com as interpretações do pesquisador a respeito do que pretendem os informantes ou pesquisados, ou o que o pesquisador

acredita que eles pretendem, posteriormente sistematizando essas ideias e interpretações (GEERTZ, 2008).

Geertz (2008) defende textos antropológicos como sendo interpretações legítimas, definindo essas interpretações como sendo de segunda e terceira mão. A interpretação de primeira mão só é conseguida através de nativos, que de fato são aqueles que vivenciam de forma absoluta sua própria cultura. Portanto, a escrita etnográfica trata-se de uma ficção no sentido de que é algo retratado, modelado, confeccionado por um pesquisador através de sua vivência e interpretação dos fatos. A essência de uma etnografia é escrever o “conteúdo”, a forma, a performance, a narrativa, a estética, tanto quanto a ética do ato de comunicação, a “substância” do falar, o acontecimento que envolve as falas e não apenas o acontecimento dos fatos pelo mero fato de acontecer.

5.7 Princípios éticos

O projeto “Perfil dos Usuários de crack e padrões de uso” foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e teve aprovação sob o Parecer nº 301/2011 (Anexo A).

Solicitou-se autorização à coordenação do projeto para que esta pesquisa fosse realizada, conforme o Apêndice A.

Aos sujeitos do estudo, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Anexo B), foi apresentado o objetivo da pesquisa e garantido o anonimato sobre as informações fornecidas por eles e o livre acesso aos dados e resultados alcançados, também como resposta a qualquer pergunta ou dúvida e o direito de desistir em qualquer momento da investigação.

Foram respeitados os aspectos éticos conforme a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – CNS (BRASIL, 1996), que normatiza as pesquisas com seres humanos, e o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem¹ (2007)

¹ Capítulo III (dos Deveres): Art. 89- Atender as normas vigentes para a pesquisa envolvendo seres humanos, segundo a especificidade da investigação; Art. 90- Interromper a pesquisa na presença de qualquer perigo à vida e à integridade da pessoa; Art. 91- Respeitar os princípios da honestidade e fidedignidade, bem como os direitos autorais no processo de pesquisa, especialmente na divulgação dos seus resultados.

Capítulo III (das Proibições): Art. 94- Realizar ou participar de atividade de ensino e pesquisa, em que o direito inalienável da pessoa, família ou coletividade seja desrespeitado ou ofereça qualquer tipo de risco ou dano aos envolvidos; Art. 98- Publicar trabalho com elementos que identifiquem o sujeito participante do estudo sem sua autorização.)

no seu Capítulo III, no que diz respeito a Deveres, nos artigos 89,90 e 91, e às Proibições, nos artigos 94 e 98.

Os sujeitos foram identificados com nomes fictícios, assim como os lugares que observei, e os bairros foram caracterizados com nomes de acordo com os sentimentos e percepções que cada lugar despertou em mim durante o trabalho de campo.

O gravador foi utilizado em alguns encontros com pleno acordo e autorização das pessoas do estudo; optei por usá-lo em momentos em que diálogos entre eu e os sujeitos se estendiam, para não haver o risco de dados serem perdidos, sendo tudo registrado de forma íntegra e total.

Os depoimentos transcritos ao longo da etnografia foram identificados com a expressão “Diário de Campo” seguida do local da observação, nome fictício do sujeito e data da cena observada.

5.8 Divulgação dos resultados

Os resultados serão divulgados à comunidade acadêmica, por meio de artigos científicos que serão apresentados junto à dissertação e posteriormente encaminhados a periódicos de reconhecimento e relevância nacional e internacional. Também serão apresentados, posteriormente, aos participantes por meio de visita aos locais de estudo, com entrega de materiais confeccionados por mim (*folders* e/ou panfletos). Em alguns grupos é possível fazer a apresentação por meio de mídia virtual.

6 Análise dos dados

Neste capítulo os dados coletados através da observação participante e diálogo, registrados devidamente em diário de campo, são analisados à luz da Teoria dos Dons e Dádivas de Marcel Mauss e também por autores integrantes do Movimento Antiutilitarista das Ciências Sociais.

Primeiramente os sujeitos mais marcantes que compõem esta etnografia serão apresentados brevemente. Logo após, os locais nos quais esta etnografia mais se fez presente, para localizar o leitor no decorrer do trabalho. E, por fim, as vivências ocorridas ao longo do trabalho de campo refletidas juntamente com a teoria de Marcel Mauss.

6.1 Pessoas presentes na etnografia que compõem os grupos usuários de crack e outras drogas

Nesta seção serão apresentadas algumas pessoas que foram mencionadas no estudo, delas foram utilizadas suas falas transcritas na íntegra ou apenas tiveram seus nomes citados na construção do diário de campo. Existem depoimentos sem identificação, visto que a observação muitas vezes foi feita sem diálogo direto com os usuários, havendo somente o registro no diário de falas e momentos vivenciados nas
cenas.

Os grupos aos dos quais participei eram compostos por inúmeras pessoas de diferentes personalidades. Na maioria das vezes, o número era incontável devido à grande rotatividade de pessoas, mas ao longo do tempo estabeleci contato com algumas pessoas devido à criação de uma aliança e vínculo mais estreito, o que possibilitou conhecê-las de forma mais intensa.

Das mulheres, as que mais me cativaram foram Valesca (27 anos), Sandra (28 anos), Nara (44 anos) e Daniela (31 anos), por serem pessoas de alto astral, sorridentes, extrovertidas, carismáticas e comunicativas, sempre dispostas a contar histórias excêntricas e colaborar com o estudo.

Bela (36 anos) era uma mulher com feições tristes, depressiva e introvertida. Mas ganhou minha admiração por ver em mim uma pessoa fiel às suas histórias, sempre disposta a ouvi-la. Com ela, passei horas da minha vivência em campo.

Entre as pessoas do sexo feminino, uma delas acompanhei todo o tempo, mas de forma distante e fria, Bárbara (30 anos). Nunca demonstrou afeto por mim, sempre apresentou-se arredia e agressiva por vários momentos, mas das vezes que consegui me aproximar descobri histórias incríveis e também tristes.

Nana (25 anos) e Adriana (30 anos) eram pessoas discretas, com aparências sofridas e com receptividade limitada, não demonstrando abertura e flexibilidade para diálogos em vários momentos.

Dos homens, de Josué (30 anos), Zilmar (31 anos) e Jerônimo (18 anos) me aproximei intensamente durante todo o tempo de campo, demonstravam alegria e satisfação com minha chegada, o que me estimulava ainda mais para estar em campo com eles.

Já Rubens (60 anos) e João (25 anos) eram pessoas mais fechadas, de difícil comunicação, mas que se sentiam-se bem em contribuir ao estudo dividindo suas histórias.

E dessa forma as cracolândias são compostas por pessoas das mais diversas personalidades e sentimentos que convivem entre si, dividindo o espaço e criando grupos que variam de acordo com as pessoas que estão presente.

6.2 Territórios psicotrópicos

Aqui, serão apresentados os locais mais marcantes em que esta etnografia aconteceu. Devido à extensão de tempo do campo da pesquisa serão descritos os

ambientes dos quais mais me aproximei e com que convivi, ocorrendo de fato as observações mais profundas e reflexivas.

A expressão aqui utilizada ‘Territórios psicotrópicos’ é um conceito desenvolvido por Fernandes (2006) que descreve estes territórios assim denominados como alguns lugares urbanos cujo perfil ecossocial se mostra adequado para o funcionamento das atividades ligadas ao consumo de drogas. Esses territórios podem ser divididos em zonas e são pontos de mercado, pontos de uso e zonas de aquisição de fundos.

As observações mais intensas aconteceram em quatro locais da cidade, sendo um deles uma residência particular (casa do Pedro) e os demais em espaços públicos (Rua da Cidadania, o Beco e o Cemitério Recanto da Saudade), todos situados em diferentes bairros da cidade. Apesar de os locais apresentarem-se distantes geograficamente um do outro, todos possuíam algo em comum, a pobreza, presença intensa de lixo, falta de saneamento básico, energia elétrica precária ou ausente. A etnografia concentrou-se nestes ambientes devido à facilidade de encontrarmos grupos formados por pessoas fazendo uso de crack e outras substâncias psicoativas.

A literatura nos mostra que os lugares de uso de crack observados podem ocupar os mais diversos espaços, podendo acontecer de forma mais isolada ou de forma coletiva. Esses espaços podem ser a própria residência, casa de amigos ou parentes, e isso vem para quebrar a ideia de que crackolândias criam-se somente em espaços públicos e em áreas centrais, como apontado pelas grandes mídias (JORGE et al., 2013)

A seguir, a descrição dos territórios estudados, para que o leitor sinta-se situado nos locais citados no decorrer da leitura. Os locais foram nomeados de acordo com os sentimentos e percepções despertados na autora durante o trabalho de campo.

Bairro de periferia, local de posse ilegal, ausência de infraestrutura urbana e “humana” para se viver. O Beco! (Diário de Campo - 02.01.13)
Bairro próximo a zona central, uma rua, um nome que provoca aversão. A Rua da Cidadania! (Diário de Campo - 14.01.13)

Um local onde a palavra “morte” é o melhor termo para representá-lo. No entanto, é onde a vida torna-se mais segura e confortável para muitos. O Cemitério Recanto da Saudade! (Diário de Campo - 25.03.13)

Um terreno que possui no fundo paredes erguidas e telhas cobrindo-as. Dizem que é uma casa, uma residência. Ambientes que sugerem três peças, sujas e sem móveis, apenas colchão e lixo espalhados pelo chão. Água e energia elétrica são inexistentes. A casa do Pedro! (Diário de Campo – 03.01.13)

“O Beco”

Assim nomeio este lugar por tratar-se de um lugar que de fato é um “beco”, é um vilarejo “invisível” que se criou dentro de outro grande bairro.

Trata-se de um loteamento tomado ilegalmente por pessoas que assentaram-se nesta zona para construir seus barracos há muitos anos atrás (30-40 anos). É um lugar muito pobre, tomado de casebres e barracos, sem saneamento básico, energia elétrica e nenhuma infraestrutura urbana.

No centro do vilarejo passa um córrego de grande porte de esgoto que exala um odor desagradável em toda a região. Por ali não transitam carros, somente pedestres, ciclistas e motoqueiros.

Ao entrar no “beco”, o cheiro de esgoto e o próprio esgoto a céu aberto causam mal-estar. O cenário comum ao transitar por lá é esbarrar-se por pessoas circulando na rua, além de crianças brincando em meio à sujeira e lixo (muito presente em toda zona) e circulação grande de homens no único “boteco” da vila.

Neste local não é comum presenciar as pessoas consumindo drogas na rua, o forte de fato é o comércio das substâncias. Para o consumo, as pessoas que frequentam e moram nesta vila preferem fazer o uso dentro dos barracos de forma mais resguardada.

“A rua da Cidadania”

Trata-se de uma rua com casas de alvenaria e barracos, chão batido e sem saneamento básico, com condições precárias de higiene. Ali, o tráfico e o comércio pequeno de drogas acontece a qualquer hora, olheiros espalhados pela rua para controlar a chegada da polícia, pessoas com seus cachimbos de crack circulando livremente pela via pública e pessoas fazendo uso de cocaína e maconha nas esquinas e na frente das residências. Em meio a esse cenário, mães e pais de família sentados na rua, tomando chimarrão, e muitas crianças brincando e correndo livremente.

Esta rua dá acesso a um beco que tem um grande muro, que separa um condomínio residencial desta rua. O local é chamado popularmente de “muro” ou como “rua da antena”, pois neste beco há uma grande antena de telecomunicação. Neste espaço há iluminação pública suficiente, no entanto, as pessoas preferem ficar nos espaços em que a luz não ilumina plenamente ou então no local da rua em que não há mais iluminação devido à presença de um banhado e lixão a céu aberto. Nesse espaço as pessoas reúnem-se para consumir droga e encontram-se por lá a qualquer hora do dia.

“Cemitério Recanto da Saudade”

Este local encontra-se em total abandono de cuidados de familiares e de administração, tanto é que grupos usuários de drogas que ali instalaram-se nunca foram convidados a se retirar do local.

A frente deste cemitério é feita com um pequeno muro (aproximadamente 1,30 m de altura) e em cima dele há grades (aproximadamente 80 cm de altura de grade). Rompendo a continuidade deste muro gradeado há o portão principal, que fica localizado aproximadamente na metade do comprimento total desta extensão de muro e grades. O portão principal é envolto de uma construção em alvenaria que sugere a frente de uma pequena capela, havendo telhado e construção de uma entrada protegida da rua. Sendo o portão a “porta de entrada” dessa “capela”. Dessa forma, neste portão há um abrigo, pois este espaço com telhado e paredes deve ter uma área total de 8 metros de frente (largura – aonde fica o portão) e uns 2 ou 3 metros de profundidade.

Este cemitério encontra-se em total abandono, tanto que seu portão principal nunca é aberto e não há circulação de pessoas responsáveis. O acesso é somente pulando o pequeno muro gradeado, sendo necessário escalar esse muro e posteriormente passar cuidadosamente sobre as grades, pois sua altura dificulta o acesso seguro.

O grupo usuário de drogas adotou esta entrada protegida por telhado e por paredes como local de abrigo e estadia. Ali eles ficam sentados, ora no chão, ora em objetos de lixo, ora em colchões, ora em cadeiras velhas, depende do dia e das pessoas que ali estão. O ambiente é totalmente escuro e desprovido de energia elétrica, nenhum local do cemitério possui ponto de energia, um poste sequer. Iluminação de fato, só das velas que vasculham nos cemitérios e de pequenas

fogueiras que improvisam ali. Na frente também não há, somente a alguns metros da entrada e na rua perpendicular postes existem, mas lâmpadas não. Na calçada existem árvores grandes e de copas largas e algumas com folhas que aproximam-se do chão, o que proporciona maior escuridão ao acesso do local em que pula-se o muro para entrar e que em dias de vento causa um ar sombrio e amedrontado àqueles que por ali passam.

E é neste refúgio da entrada principal que muitas pessoas repousam e passam horas. As paredes, que um dia foram brancas, hoje são tismadas de preto por ação da fumaça de fogueiras, de queima de lixo, de sujeira e de pichações. O chão é chão batido, que um dia teve um piso e hoje varia entre a presença de lixo e entulhos ou por ausência destes ou presença em menor quantidade.

A movimentação no local existente além deste grupo usuário de drogas, são pessoas que utilizam este espaço para realizar rituais oriundos de religião afro-brasileira¹. Nesses rituais muitas vezes são utilizados carne de galinha, milho, arroz, doces e outros produtos comestíveis que servem como fonte de alimentação para estes usuários de drogas, além de cigarros e velas colocados no local.

“A casa do Pedro”

Esta casa, a qual visitei poucas vezes, fica situada em uma via pública importante e de alta movimentação no bairro. Visitei poucas vezes pois a casa foi vendida dois meses após o início deste estudo, havendo a necessidade de as pessoas migrarem de lugar para fazerem uso de substâncias psicoativas.

A casa fica no fundo do pátio, em um terreno comprido e estreito (aproximadamente 5 X10 metros), com sujeira presente, mas nada em abundância, um local descuidado, eu diria. Trata-se de três pequenas peças, com paredes erguidas de tijolo, sem reboco, e a construção possui abertura direta para rua, sem porta e nem formato para colocar uma porta, trata-se apenas de paredes erguidas com algumas telhas Brasilit em cima. A peça que fica mais à frente é o banheiro, a peça do meio era o local em que a maior parte das pessoas estava aglomerada, com um único móvel (balcão), e na peça ao fundo tinha um colchão extremamente velho e sujo. Água encanada percebi que tinha, mas energia elétrica não, bem como

¹ Por religião afro-brasileira entende-se um amplo espectro de religiões conhecidas no Rio Grande do Sul como: Batuque, Umbanda e Linha Cruzada (ORO, 2008).

saneamento básico, pois quando uma mulher banhou-se em uma torneira no banheiro, pude perceber que a água toda caía no chão da rua.

6.3 Vivências com grupos usuários de crack e outras drogas

Um dia qualquer, em uma de minhas leituras flutuantes e no estado da arte deste estudo, li uma frase que espontaneamente descreveu toda a minha inquietação e anseio por optar por estudar e conhecer de forma mais próxima pessoas usuárias de drogas dentro das ditas cracolândias: “Lugares perigosos e suas figuras ameaçadoras” (MALHEIRO, 2008).

Essa citação remete a questionamentos inquietantes originados inicialmente em mim e, no decorrer da minha vivência com este estudo, constatei que tais indagações alcançavam a curiosidade também de pessoas que vivem distantes deste meio: Que lugares são estes? Que pessoas são estas? Por que este contexto causa tanto medo na sociedade? Por que as pessoas fogem e desviam suas vidas e olhares desta população? São pessoas criminosas? Moribundas?

Para haver esses questionamentos, seja em mim ou em leigos, é porque conhecimento deste meio não há, muito menos exposição das coisas que o envolvem. Isso nos leva a pensar na invisibilidade que envolve tal contexto. Existe a notícia, a mídia e a televisão (TV), mas que valorizam a morte, violência e estigma social, contribuindo para o crescimento e fortalecimento do preconceito que rodeia esta população. No entanto, isso pode repercutir na invisibilidade que acomete os usuários no momento em que vivem à margem do espectro capitalista. Existe a falta de olhar a eles, por poder do Estado ou pela sociedade, mas ainda pode existir a vontade de não quererem ser vistos, por não se sentirem parte de uma sociedade com a qual não sentem-se harmonizados, preferindo incorporar hábitos e rotinas de forma mais desprezada diante de normas e regras que regem a nossa sociedade e longe de julgamentos.

Becker (2009) explica, em uma de suas obras, o conceito de *Outsiders*, o que pode justificar esse comportamento empregado por alguns usuários de crack e outras drogas. *Outsider* é um termo designando pessoas que não concordam com regras impostas nos grupos sociais de maneira geral e tentam infringi-las, não vivendo de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Exemplo de pessoas *outsiders* citados por Becker (2009) são pessoas que ingerem bebida alcoólica e

dirigem, a pessoa que rouba, mata e estupra, assim como pessoas com dependência química.

As pessoas usuárias de crack podem ser consideradas *outsiders* dentro da sociedade, uma vez que, como discutido anteriormente, infringem as regras da sociedade geral, a qual impõe como limite e correto a não permissão de uso de drogas ilícitas. Assumem comportamentos desviantes, situando-se fora do círculo dos membros “normais”.

Mauss tece uma crítica ao modelo capitalista e neoliberal tratando este modo de funcionamento da sociedade como algo que vem dominando as relações humanas, influenciando o ser humano a pensar tudo em prol do que circula na sociedade a partir da noção de interesse e negócios. Assim, diante deste caráter utilitarista/comercial que rege as relações humanas, a teoria do dom surge dentro do M.A.U.U.S. como sendo o terceiro paradigma existente nas ciências sociais. O primeiro paradigma já existente, o individualismo, ou ainda abordado por alguns autores como utilitarista, contratualista, instrumentalista, aspira a que todas as ações derivem de cálculos e sejam racionais, sendo assim, a única forma de realidade para os indivíduos. Já o holismo (segundo paradigma) almeja uma realidade em que os grupos ou classes expressem uma totalidade *a priori* que lhes preexiste, é um conjunto das ações dos indivíduos comandado por uma totalidade social. Nesses dois paradigmas, a dádiva é incompreensível, pois ambos os paradigmas são regidos ou pelo interesse individual (individualismo) ou pela obrigação/pressão social e cultural (holismo); partindo destes aspectos íntimos de cada paradigma, surgiu a necessidade de se criar um terceiro (CAILLÉ; GRAEBER, 2002; CAILLÉ, 2002).

Os usuários de crack, a partir de seus modos de vida, podem estar rompendo com estas relações impostas pela sociedade capitalista, mas, em contrapartida, estabelecendo vivências geridas a favor de interesses relacionados ao crack. Pois, apesar de abandonarem o regime capitalista da sociedade, incorporam outros interesses, como as diversas formas de conseguir dinheiro para comprar a pedra, envolvimento em dívidas, trabalhos informais, entre outros, que envolvem suas relações (CAILLÉ, GRAEBER, 2002). Nestes grupos é evidente a existência de trocas capitalistas e trocas não comerciais, havendo rompimento de um único modelo de troca entre eles. Os tipos de relações vão ao encontro de seus interesses de acordo com o momento que estão vivendo. Na sociedade geral são predominantes as relações de trocas comerciais, as trocas pautadas no capital, e

sendo o dinheiro o mediador das relações. No entanto, existem outras relações de trocas, que Mauss (2003) buscou mostrar através de seus estudos com povos primitivos, apontando tipos de relações de trocas baseados no dar/receber/retribuir não estabelecido pelo valor do bem. Nas cenas de uso de drogas também existem eventos/relações que não se enquadram em relações comerciais/capitalistas, mas sim de trocas e alianças, como o abrigo oferecido nestes locais aos desabrigados, a amizade, a ajuda coletiva contra adversidades encontradas nas ruas e o próprio compartilhamento da droga, além de comidas e roupas.

Esta sociedade paralela criada pelos usuários de crack inicialmente causou estranheza em mim. No entanto, com o decorrer do tempo percebi que as tantas diferenças julgadas *a priori* passaram a se tornar semelhantes em alguns aspectos da sociedade geral, porém ligadas a interesses muito particulares. Ficou claro ainda que o sentimento de estranhamento foi recíproco no início do estudo, marcado pelas diferentes percepções de ambas as partes.

Durante todo o processo de coleta de dados causei uma mistura de sentimentos nos usuários, uma combinação entre surpresa, espanto e admiração. Surpresa e espanto que relaciono com a baixa autoestima que possuem, vinculada com a subvalorização vinda deles por eles próprios. E a admiração por verem em mim alguém que resguarda seu tempo a dedicar-se a eles, mesmo que seja por um objetivo pontual e específico, como o caso da realização deste estudo, mas, com a realização deste exercício, algo está sendo produzido em prol deles. Inicialmente julgava-me uma pessoa despida de preconceitos e aberta a aceitar as diferenças existentes entre pesquisador e pesquisados, apontando esta qualidade também como merecedora da admiração deles, no entanto, com minha inserção de fato em campo e me aproximando intensamente de uma realidade tão destoante da minha, compreendi que desconstruir opiniões, conceitos e experiências não é tarefa fácil, mas que foi amenizada com o ato de permitir-me desconstruir e construir-me como pessoa a cada dia, com cada nova vivência experienciada. Ainda em relação aos usuários, a curiosidade em relação ao estudo era nítida na mesma intensidade em que sentiam-se motivados a contribuir da maneira que fosse possível.

O que tu quer aqui nesse lugar horrível? Tu é muito corajosa, guria. Ninguém quer saber da gente [...] mas quando tu tiver as coisas sobre nós, quero saber de tudo. Boa sorte no teu trabalho aí, e se eu puder te ajudar, pode contar comigo. (Diário de Campo – Josué, 03.01.13)

O início desta etnografia pode-se dizer que foi um desafio, e um desafio de conseguir criar um laço social e mais estreito com os usuários de crack, pois, como aparece na fala de Josué, o desenrolar desta pesquisa só seria possível a partir de uma relação de troca. Assim, me doei a eles de forma a compartilhar meu tempo e meus dias, dedicar um olhar para eles de outra forma, livre e natural. Eles me deram o melhor que poderiam dar de si próprios, além de compartilhar comigo o cotidiano de suas vidas, sem reservas e sem filtros, mostrando-me simplesmente como as coisas são e acontecem. Para tanto, um laço social, uma constituição nasceu para ser deste modo. Mais do que compartilhar com eles os resultados e conclusões deste estudo, eu busco retribuir tal acolhimento e aceitação de forma a mostrar para a sociedade que estes grupos são compostos por seres humanos que merecem visibilidade, respeito e dignidade. Assim, fica claro que o dar, receber e retribuir de Mauss (2003) apareceu de forma muito clara já no início do estudo, pois a minha presença em campo, nos grupos, através da criação do laço social, exige que eu retribua de alguma forma, devido à obrigatoriedade que reveste tal ação. A tríplice ação sugerida por Mauss compõe movimentos revestidos de obrigatoriedade, exatamente porque promovem o vínculo social, fazendo com que a sociedade seja, de fato e simbolicamente, possível: tudo se passa como se houvesse “troca constante de uma matéria espiritual compreendendo coisas e homens, entre os clãs e os indivíduos, repartidos entre as classes, os sexos e as gerações” (MAUSS, 2003, p.69).

De fato esta população, *a priori*, causa uma sensação de estranheza e até temor, pois trata-se de pessoas que vivem de forma semelhante, ousada, e afastadas da sociedade, tornando-se “figuras” distintas dentro da sociedade, com hábitos reprimidos pela coletividade, e em locais em que sintam-se à vontade para libertarem-se.

Os locais os quais esta população elege para viver acaba por transformarem-se nas populares “cracolândias”. No entanto, a ideia que há desse local é de ser apenas um local de consumo de drogas, o que de fato é, mas para outros acaba sendo o único lugar para se viver.

Assim, as cracolândias assumem cenários diversificados de acordo com a necessidade de cada pessoa. A maioria usufrui desse local para consumo de drogas junto com os demais que ali frequentam, é também local de passagem para outros, pois muitos perambulam por toda cidade sozinhos e nesses ambientes reencontram

suas parcerias e amizades de tempos em tempos, ou é de hospedagem para aqueles que não têm aonde ficar e viver, pessoas que são levadas para lá por conhecidos como forma de abrigo, por não terem casa ou local seguro para passar a noite ou até dias, ainda existe quem frequente o local apenas para acompanhar namorados ou amigos, e também como local de proteção de policiais e de pessoas inimigas. Enfim, as cracolândias são locais, sobretudo, de relações humanas e trocas, sejam comerciais ou não, que mantêm as pessoas nestes espaços para satisfazer suas necessidades.

Diante da necessidade de cada pessoa que frequenta as cracolândias, pode-se pensar que nesses ambientes, por mais hostis e insalubres que sejam aos nossos olhos, não frequentadores das cracolândias, existem coisas que os prendem a esses locais (o uso de drogas, a solidariedade entre eles, proteção, companhias, entre outros) e que chamam a atenção para as pessoas permanecerem neles, são locais de trocas materiais e não materiais e de relações entre indivíduos que sustentam o grupo nesses espaços. O paradigma do dom tenta explicar esta relação, busca explanar o sistema de trocas e a constituição de alianças nas relações humanas, demonstra que o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação, no qual, sobretudo, o simbolismo é fundamental, permeando essas relações (MARTINS, 2005). Na ação social o interesse material ou imaterial é sobreposto pela espontaneidade, amizade e solidariedade existentes entre as partes envolvidas ou no grupo como um todo. Dessa forma, muitas vezes, nas cracolândias, a solidariedade e a espontaneidade superam o materialismo existente nas relações de troca.

Neste contexto de espaço de uso e criação de cracolândias, estudos vêm sendo realizados em grande escala, no entanto, o enfoque quase sempre é direcionado ao circuito das drogas, ao uso associado de crack a outras drogas, história de início do uso da pedra e experiências vividas de ser um usuário de crack, havendo uma lacuna na atenção particular ao ser humano que carrega todas estas vivências citadas (MELOTTO, 2009; ALMEIDA, 2010; OLIVEIRA; NAPPO, 2008a,b).

As pessoas que transitam por estes territórios – e falo transitam no sentido de movimento e rotatividade, pois trata-se de pessoas dinâmicas que alternam de forma muito frequente os locais que habitam – são pessoas carregadas de estigmas e portadoras de identidade preconceituosa de usuários de drogas e criminosos.

O estigma ao qual esta população está sujeita é capaz de transformar a vida dessas pessoas a ponto de sentirem-se excluídas e rejeitadas pela sociedade. Os gregos, inicialmente, criaram o termo “estigma” para fazer referência a marcas corporais, com as quais buscava-se destacar algo de extraordinário ou algo ruim sobre a moral da pessoa marcada. Atualmente, o termo ainda assemelha-se à sua origem porém é mais aplicado à adversidade moral que a pessoa possui do que à sua evidência corporal. O estigma que sofrem é tão forte e persistente que pode-se imaginar como uma marca corporal em evidência na pessoa (GOFFMAN, 2004).

Existem três tipos de estigmas, dos quais dois são: as deformidades físicas; as culpas de caráter individual percebidas como a desonestidade, vontade fraca, crenças falsas e rígidas que envolvem o distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativa de suicídio e comportamento político radical. E, por fim, há os estigmas tribais de raça, nação e religião (GOFFMAN, 2004). Os usuários de crack são estigmatizados por apresentarem comportamentos destoantes ao que se espera da sociedade geral.

Almeida (2010) discorre em seu estudo sobre usuários de crack que viver no mundo da pedra é viver preconceitos, humilhações e discriminações. Os usuários de fato são tratados de forma diferenciada, sendo a exclusão, marginalidade e a gozação inevitáveis para a maioria das pessoas, o que acaba gerando dor e sofrimento para essa população.

A aproximação com estas pessoas permite-nos enxergar o peso que isso acarreta em suas vidas. São pessoas que levam consigo a preocupação de explicar e provar para os outros que, apesar de serem usuários de drogas, não são criminosos.

“Eu sou de boa, tenho meu vício, mas não prejudico ninguém com isso, quando quero fumar venho aqui para o “Beco” e fumo minha pedra. Até quando uma outra guria me entrevistou sobre outra pesquisa, ela ficou impressionada quando eu disse que não era bandido, que era de boa, porque a maioria fazia coisa ruim pela droga.” (Diário de Campo – Beco, 09.01.13)

“As pessoas que dizem que matam e roubam por causa da droga é mentira, a droga não faz isso com ninguém, as pessoas é que são ruins e colocam a culpa na droga para disfarçar a culpa, e é por isso que todo mundo fala que a gente, que usa droga, somos todos ladrões e marginais, mas não é verdade, eu nunca roubei e nem matei” (Diário de Campo – Rua da Cidadania, 22.04.13)

“É melhor pedir do que roubar ou se vender, eu sou craqueira mas não roubo, eu peço, que é mais digno do que roubar.” (Diário de Campo – Rua da Cidadania, Bárbara, 22.06.13)

Diante dessas falas é possível perceber o esforço que os usuários de crack têm de fazer para provar à sociedade que não são marginais e criminosos. No entanto, no espaço das cracolândias não existem diferenças entre os integrantes, são todos iguais, não são menos do que ninguém devido às atividades e estilos de vida que praticam, não possuem rótulos. Assim, de igual para igual, é possível que se exerçam outros tipos de trocas, que não as comerciais, dentro das cenas de uso. É o espaço no qual impera a solidariedade e que caracteriza o local não somente para uso de drogas, mas como abrigo, como coletividade para enfrentar riscos por viverem nas ruas, compartilhamento de drogas e comida, e a presença de um líder que mantém o grupo organizado, superando todos os tipos de relações materiais e capitalistas.

As pessoas com as quais dialoguei tinham a necessidade de expor que eram honestas e de bom caráter, como citado nas falas acima. No estudo etnográfico realizado por Raupp e Adorno (2010) nas cidades de São Paulo/SP e Porto Alegre/RS, existem achados similares aos dos usuários deste estudo, a rede de solidariedade é muito forte entre eles e exploram histórias de pessoas que passaram por problemas de saúde graves e a doação de comidas e agasalhos.

No entanto, a maioria dos estudos realizados aponta que as pessoas inseridas neste meio apresentam comportamentos violentos e delinquentes justificados pela compulsividade ligada ao consumo de crack, pois, na necessidade de obter mais pedra, as pessoas acabam por se envolver em atividades ilícitas de rápido retorno financeiro (OLIVEIRA; NAPPO, 2008a,b; ALMEIDA, 2010; GOMES; ADORNO, 2011). Durante o estado de compulsão, os usuários priorizam a busca pela pedra, deixando suas vidas em segundo plano, sem avaliar os riscos a que estão submetidos. As consequências dessas atitudes aparecem com a crescente morte de usuários de crack por causas externas, principalmente o homicídio (ALMEIDA, 2010; DUALIBI; RIBEIRO; LARANJEIRA, 2008).

Cruz (2012), em um estudo realizado somente com mulheres usuárias de crack, aponta a prostituição como opção de sobrevivência por não possuírem emprego ou salário digno ou ainda como forma de manter o vício pela pedra, uma vez que mulheres apresentam-se mais envolvidas do que homens nessa prática, por

considerarem seus corpos ferramentas de trabalho e de maior facilidade para negociação. Dessa forma, as mulheres mostram que essa prática é preferível a roubar ou ser desonesta, existindo a preferência de se autoviolentar, ao seu próprio corpo, do que violentar o próximo com ações ilícitas e violentas.

Em pesquisa realizada sobre o perfil do usuário de crack e similares, recentemente no país, os índices apontam que as formas mais comuns de obtenção de dinheiro compreendem trabalhos esporádicos ou autônomos (65% dos entrevistados com n=5405 sujeitos), tratando-se de atividades legais. O sexo em troca de dinheiro/drogas corresponde a 7,5% da população entrevistada, assinalando um alto índice quando comparado à população geral, onde a proporção de profissionais do sexo é inferior a 1%. Já as atividades ilícitas, como o tráfico de drogas, furtos/roubos e afins, foram relatadas por uma minoria dos usuários entrevistados, 6,4% e 9,0%, respectivamente (BRASIL, 2013).

Além de serem pessoas que sofrem pela generalização que há entre a questão de ser usuário de drogas e criminoso, ainda há o peso da popularidade de serem reconhecidos como “pessoas zumbis” ou “moribundos”, o que reforça o estigma existente como atributo depreciativo ao qual estes usuários estão sujeitos (GOFFMAN, 2007).

Sabe-se que esse reconhecimento deve-se em grande parte à questão midiática que explora imagens degradantes, de violência e de forte impacto de seres humanos sob ação de substâncias psicoativas. Tanto a publicidade impressa quanto a virtual ou televisiva assumem campanhas que buscam legitimar o crack como responsável pela violência que assola o país. Um estudo analisou as matérias de prevenção do uso do crack por um jornal estadual publicadas no ano de 2008 e as frases de maior destaque sempre faziam referência à violência, criminalidade e morte. Alguns exemplos deixam claro a contribuição da mídia para degradar a imagem da pessoa que faz uso desta droga: “A violência é movida a crack no Rio Grande do Sul”, “Assassino aos 11 anos/O envolvimento de crianças com a pedra segue um padrão”, “A morte é o destino”. Todas essas reportagens são sempre acompanhadas por imagens fortes e impactantes que remetem à incapacidade, adoecimento e morte da pessoa que usa crack (ROMANINI, ROSSO, 2010). Assim, artigos escritos com este viés contribuem para que o leitor pense e acredite que todo usuário de crack em algum momento de sua vida torna-se de fato criminoso,

relacionando livremente crack a violência e reforçando a relação de exclusão (ROMANINI, ROSSO, 2010).

No entanto, quando há uma convivência maior com este público nota-se que existe uma ideia precipitada da forma de convivência entre eles, quem são e de como habitam-se diariamente às suas forma de vida.

“Ao conversar com uma das garotas que estavam no grupo, ela me disse que este trabalho talvez mostre que eles também são pessoas normais; os outros, que os julgam sem os conhecer, poderão acreditar que eles realmente são normais e não menores do que ninguém. A diferença é que eles gostam de usar drogas e são felizes desta forma. Relatou que no Natal e Ano Novo sempre fazem churrasco, fumam e bebem juntos, comemorando civilizadamente como todas as pessoas normais. Mas que isso ninguém enxerga, imaginam sempre eles caídos pelas ruas, passando mal e marginalizando a sociedade.” (Diário de Campo – Casa do Pedro, Daniela - 03.01.13)

“O clima entre eles hoje era de festa, estavam felizes, rindo, brincando, conversando entre eles, nesse meio tempo chegou a Nara e tomou conta do grupo e nisso já eram mais de 10 pessoas ali conosco. O redutor aproveitou o grande grupo e falou para todos dos cuidados de saúde importantes de ter ao usar drogas, como não esquecer de se alimentar, de beber líquidos, de dormir, cuidados com o cachimbo e evitar compartilhar. ‘Quem usa crack não é super homem, apesar de vocês se sentirem como tal mas não o são.’ (fala do Redutor).” (Diário de Campo – Rua da Cidadania, 13.05.13)

“Neste grupo de mulheres pude perceber que elas mostram-se muito mais eufóricas e estressadas do que quando na presença de homens. Porém, em meio às discussões procuram se ajudar e principalmente educar-se, como o caso das duas familiares em que uma tentava educar a outra. Elas mesmas reclamavam da bagunça que estava aquele ambiente e que assim que o dono da casa chegasse aquela baderna toda iria acabar, ficando claro a influência de um líder no grupo e que na ausência deste os comportamentos se alteravam, diferente do outro dia em que visitei a casa, em que Daniela mantinha claramente a liderança do grupo e que as pessoas mantinham a organização.” (Diário de Campo – Casa do Pedro, 08.01.13)

Pensar na forma como vivem e como estes ambientes e pessoas se organizam dentro de espaços tão particulares é o que vem sendo discutido no transcorrer desta etnografia, as relações de trocas existentes entre eles, os vínculos e alianças formados, as relações com a família, a violência presente, rituais adotados para o consumo do crack e a relação de lealdade de todos eles tanto com o crack quanto com as demais substâncias psicoativas existentes.

Nesse contexto, reafirmo a importância do estudo desenvolvido por Mauss. Em sua teoria do dom, ele mostra uma outra maneira de relação/troca além do capitalismo, que persiste até hoje entre as pessoas. Além das trocas pautadas no capital, Mauss, através do estudo de sociedades primitivas, mostrou que existiam

outros tipos de relação entre os grupos, tribos e clãs, a troca baseada na tríplice ação do dar, receber e retribuir, superando o valor do bem em questão, valorizando a aliança e o vínculo social nascidos a partir desta ação (MAUSS, 2003).

Ao longo de todo o estudo encontrei grupos muito semelhantes, formados em locais pobres, sujos, em meio a muito lixo e com iluminação precária à noite. Lugares de difícil acesso ou de pouca circulação de pessoas e sempre compostos por pessoas muito dinâmicas, inquietas e com alta rotatividade nos diversos locais da cidade.

Contrário ao *glamour* relacionado ao consumo de cocaína, o crack assume uma imagem ligada a populações mais pobres e marginalizadas, remetendo à ideia de consumo sempre em ambientes inóspitos e desumanos (JORGE et al., 2013), como de fato ocorreu neste estudo; mesmo quando tratando-se de casas particulares, os ambientes muito assemelham-se nas questões física e organizacional.

Foi difícil estabelecer contato contínuo com algumas pessoas que mais chamaram a atenção ou ganharam minha admiração, pois a certeza de encontrá-las dias após o primeiro encontro era inexistente. Apenas 24 horas após um contato com algum grupo, já era tempo suficiente para todo o cenário observado antes estar modificado, tanto relacionado aos seus integrantes quanto à apresentação física do local.

Uma etnografia realizada por Raupp e Adorno (2011b) com jovens em situação de rua e usuários de crack mostra a mesma rotatividade apresentada neste estudo. No entanto, os autores apontam o trânsito das pessoas entre albergues, abrigos, casa de familiares e amigos. Essa alternância deve-se à instabilidade econômica dos sujeitos estudados, impossibilitando de as pessoas manterem um fluxo contínuo de estadia em determinado local, ou ainda por envolvimento mais abusivo com drogas e ligação com redes de criminalidade e violência. Assim, corroborando com este estudo, ambas as etnografias apresentam pessoas que alternam locais de estadia em poucos meses ou dias, diferentes formas de moradia, sociabilidade e inserção social.

Além da rotatividade das pessoas nos grupos, nesta etnografia presenciei a migração de um grupo completo de uma casa de consumo particular ao cemitério, pois o terreno onde encontrava-se a casa foi vendido e o grupo viu-se obrigado a instalar-se em outro local. Essa prática é muito comum em grandes centros em que,

principalmente pela ação repressiva da polícia, condições climáticas, intervenções no espaço urbano e decisões emanadas do próprio tráfico, os grupos movem-se para diferentes regiões (BRASIL, 2013). Em São Paulo, como apontado em uma etnografia de Gomes e Adorno (2011), as pessoas instalam-se em diferentes regiões em curtos períodos de tempo e não mais somente por ação policial, mas também por ações de saúde chamadas “internações compulsórias”.

Em um dos dias de campo cruzei com uma pessoa a favor da internação compulsória. Estávamos à procura do grupo da casa do Pedro que tinha migrado para o cemitério, mas até então não sabíamos que era para dentro do cemitério. Nessa procura, perguntávamos para as pessoas na rua se sabiam de um grupo de pessoas que juntava-se por ali, naquela região, para usar drogas. Um dos homens a quem perguntamos nos questionou “quem éramos, pois se nós fossemos do hospital em busca dos usuários de drogas para interná-los, ele até nos ajudaria (nesse dia estávamos eu e uma ARD sozinhas, sem presença de homens), pois nós duas sozinhas não conseguiríamos e seria muito perigoso, pois trata-se de pessoas violentas e perigosas. Finalizou afirmando que este trabalho de levar as pessoas para o hospital era muito bonito e útil, pois, mesmo as pessoas não querendo, eram levadas para serem tratadas e curadas”.

Nessa fala aparece a ideia que as pessoas possuem da internação compulsória como forma eficaz de tratamento. Esse posicionamento pode interferir até mesmo na questão da rotatividade deste grupos, pois, dependendo do lugar em que estejam, seja público ou particular, o receio de que a população circundante de onde estão estimule tal prática faz com que o grupo mantenha-se em alerta e sempre pronto para migrar.

No entanto, Scisleski e Maraschin (2008) discorrem em seu estudo que a internação compulsória, dentro da perspectiva política de solucionar o problema rapidamente, é ineficaz como forma de tratamento. Pois, ao contrário do que se espera – a cura –, a pessoa é inserida em um circuito fechado e restrito sem possibilidade de abertura a novas possibilidades sociais, pois o tratamento fechado e repressor oferecido possui caráter absolutamente moral. Não basta apenas tirar das ruas, tem que haver um suporte e uma rede de apoio eficaz para que usuários reconstruam suas vidas e vivam dignamente.

Voltando à discussão dos grupos, na maioria das vezes esses grupos eram compostos por várias pessoas, homens e mulheres, que misturavam-se entre si na

convivência ou preferiam organizar-se em pequenos grupos, formando duplas ou trios, para dessa forma compartilhar o consumo de substâncias psicoativas.

“Ao entrar na casa, havia oito pessoas numa peça com não mais que 2 m². Todos faziam uso de alguma droga, ou estavam esperando a preparação do crack no cachimbo. Quatro eram mulheres e quatro eram homens, ao longo da minha permanência este cenário mudou, muitos chegaram e outros saíram, a rotatividade de pessoas foi grande no local. A peça além de pequena era suja e pobre, com almofadas e esponjas no chão, além de latas e roupas velhas estendidas para serem usadas como assento para as pessoas.” (Diário de Campo – A casa do Pedro, 03.01.13)

“Ao chegar novamente na casa de consumo do bairro me surpreendi com o cenário que encontrei. Das pessoas que estavam presentes, apenas três eram conhecidas do outro dia.” (Diário de Campo - 07.01.13 – referente a segunda visita na casa do Pedro)

“Na rua da Cidadania, mais especificamente no muro, é o espaço no qual as pessoas reúnem-se para consumir droga. Neste muro haviam seis pessoas (três homens e três mulheres), uma das mulheres tinha no máximo 18 anos e fazia uso de crack com um homem. Eles estavam organizados em duplas, dois homens fumavam tabaco e maconha e compartilhavam os cigarros, estavam sentados muito próximos e um de frente para o outro e conversavam muito na hora que chegamos, duas mulheres estavam escondidas atrás de uma madeira (semelhante a um tapume) que calçaram junto ao muro simulando um abrigo, uma cabana, porém muito próximo à parede, o que causava grande dificuldade de enxergá-las” (Diário de Campo - 14.01.13)

Existe ainda a preferência por um uso mais isolado e reservado, dentro da própria residência. Em um estudo desenvolvido acerca do ritual do uso do crack, usuários apontam este gosto como forma de evitar agressões e riscos de violência pelo estigma que carregam, nas ruas julgam-se vulneráveis a ações de depredação e recriminação da sociedade. Ou ainda para permanecerem isolados e sem comunicação, fazendo apenas o uso da substância, similar a uma “internação”, como referido pelos próprios usuários (JORGE et al., 2013). Aqui na cidade de Pelotas, a maior justificativa é devido à ação do preconceito, como presente na seguinte fala:

“Para ela, a melhor forma de permanecer em casa e escondida é por se dar o respeito, que ela não gosta das pessoas que usam drogas e vão para rua se expor e ser discriminadas, como aqueles usuários de droga em São Paulo que aparecem toda hora na TV, isso faz com que as pessoas não a respeitem. Assim, dentro de casa ela fuma, curte e quando está sem efeito da droga vai para rua. E por isso ela deixa a porta da casa aberta para quem quiser compartilhar dessa ideia com ela. Ela diz que usar droga e se expor vai da cabeça de cada um, não é a droga que faz o problema, o problema é como age a pessoa que usa.” (Diário de Campo – Daniela, 03.01.2013)

Devido à rotatividade presente nesses grupos, mostrou-se evidente a falta de vínculos estreitos e fortes entre eles. Quando questionados a respeito de determinadas pessoas conhecidas por todos eles, as respostas variavam entre todos, ficando clara a falta de informação e conhecimento sobre rotina e vida alheia.

“Chegamos no cemitério e não encontramos ninguém, pulamos o muro, procuramos pelas pessoas e não havia ninguém. Porém, o local estava com aspecto de que há pouco tempo haviam estado pessoas ali, pois havia uma vela acesa, roupas e cinzas no chão, além de um cachorro deitado próximo ao fogo. Optamos por esperar mais um pouco e minutos após passou ali pela frente Josué, um morador de rua que é integrante do grupo do cemitério mas não tão assíduo. Ele nos informou que o grupo permanece ali, vivendo ali, mas que naquele momento deveriam estar dispersos fazendo alguma coisa, ‘buscando recursos’, ‘se virando’ como dito por ele.” (Diário de Campo - 25.03.13)

“Hoje a Bela não estava no grupo, perguntei se alguém tinha notícias dela pois no último dia tinha me dito que ia para colônia na casa do ‘coroa’ (cliente de Bela), mas eles disseram que não sabiam de nada de viagem, que ela andava por ali, só não estava no cemitério naquele momento. Já outro disse que achava que ela tinha ido sim, porque fazia tempo que não a via por ali, e ficaram se contradizendo sem chegar a um consenso.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, 28.05.13)

“Queríamos notícia da Nana (moça que encontramos no primeiro dia do meu campo e amplamente conhecida entre os ARDs por se tratar de ser profissional do sexo e fazer uso abusivo de crack, há meses atrás teve uma gestação indesejada de trigêmeos e os bebês foram recolhidos pelo conselho tutelar), pois a notícia que um dos rapazes nos deu era que ela estava novamente grávida. Queríamos checar se realmente estava grávida. Alguns nos disseram que ela estava trabalhando no centro e por lá estava ficando hospedada, outro rapaz nos disse que achava que ela tinha ido embora da cidade, pois nunca mais a tinha visto, e, por fim, três pessoas nos disseram que ela não estava grávida, que a barriga que ela estava era da gestação anterior. Terminei meu campo sem saber notícias e sem encontrar a Nana novamente.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, 28.06.13)

No entanto, essa rotatividade local pode remeter-nos à ideia de necessidade e adaptação. Cruzei por algumas pessoas nesta trajetória que desdenhavam a condição de permanecer nesses grupos, porém, por falta de opção ou ainda por encontrar somente ali um local desprovido de preconceitos, estes lugares, mesmo o não mais desejado para certos momentos, tornavam-se a única alternativa para permanecer.

“Me aproximei da Valesca e perguntei a ela, agora eu me sentindo mais à vontade para conversar e questioná-la sobre por que ela disse que não gostava de frequentar aquele grupo. Respondeu-me que ali fechava muitas

brigas entre eles, muita zoeira, muita falação, muito bate-boca. Disse que para início não tem como se concentrar para usar a droga pela zoeira do local, pessoas caminhando de um lado pro outro, falando e gritando, e quando acontecem as brigas entre eles não tem como se meter, somente assistir, pois quando se metem acabam sendo agredidos também. Por isso ela prefere ficar na rua, caminhando, ou sentada nas calçadas que nem ela estava com o namorado quando a encontramos, assim ela fica mais tranquila, sossegada, na paz.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, 30.04.13)

“Em uma de minhas conversas com Bela, perguntei de sua presença e convivência no grupo do cemitério e ela respondeu-me que gosta muito, mas muito mesmo de fumar em casa, que gosta de ter o canto dela que pode ficar quieta, em silêncio, onde as pessoas não brigam. O que acontece aqui, Bela? ‘O tempo todo é briga, estão sempre batendo boca, eles brigam pela pedra, pelo cachimbo, pelo fogo, eles brigam para preparar o cachimbo, tudo é motivo de briga; estão sempre batendo boca, discutindo, em clima tenso, um brabo com o outro, uns soltando as patas nos outros, e isso me incomoda, me deixa mais agitada, além da euforia do crack fico mais eufórica com tudo isso.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, 23.04.13)

Na fala de Bela ficam claras a inquietação e desaprovação por ambientes agitados, uma vez que esta situação de agitação no ambiente desencadeada por discussões potencializava a ação do crack, deixando-a mais agitada, sentindo-se mal com tanta alteração, mas mesmo assim seguia frequentando o cemitério, pois ali era o único lugar que tinha para fumar, sentindo-se protegida e preservada.

Bela segue falando que repudia tudo isso:

“O agito deste ambiente me faz muito mal [...]” – “A questioneei sobre o porquê dela estar ali: Por que vens pra cá? Me falou brevemente sua história, que é profissional do sexo, não tem aonde morar e atualmente estava morando em umas peças e que estavam roubando as coisas dela. Nisso, ela falou com um ex-cliente que virou amigo e ele ofereceu umas peças na casa dele para ela morar por um tempo até achar outro lugar mais seguro, porém, havia uma condição para que ela pudesse ficar lá, não precisaria pagar aluguel, mas também não poderia fumar crack em casa, então ela respeita esta condição para não perder o abrigo e a confiança do amigo. Por este motivo ela acaba indo para este lugar, no cemitério, se juntando aos demais.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, Bela, 23.04.13)

Josué foi mais uma das figuras que ganhou minha admiração, pois se tratava de um rapaz que, apesar de toda a sua condição de viver em situação de rua, com poucos amigos e longe de recursos que pudessem facilitar sua vida, como albergues e locais que forneçam comida, mostrava-se um rapaz feliz. Em todos os encontros eu e o ARD éramos calorosamente recebidos por ele, sempre contando novidades e acima de tudo querendo saber os resultados de tal estudo. Como já

mencionado, Josué vivia em situação de rua e nomeava-se livre, sem vínculo aos grupos formados para fumar crack. Apesar de não considerar-se membro do grupo do cemitério, sua presença era fiel a todas minhas visitas, mesmo que de forma muito dinâmica, pois ele preferia ficar nas redondezas do cemitério, entrando lá esporadicamente e para contato com os conhecidos. Eu o questionei quanto à convivência no grupo que se instalava ali no cemitério:

“Até convivo com eles, mas só as vezes, prefiro ficar de boa, andando comigo mesmo. Tem muita gente sem confiança ali, até existe coisa boa, mas a maioria é ruim, todos estão ali só por causa da droga, do crack, enquanto eles têm, está tudo bem, mas se não têm, eles fazem o que for, e não interessa como e nem quem que eles passam por cima. Por causa da droga, eles fazem o que for preciso. Enquanto tem a droga, eles são teus amigos, quando não tem nada para oferecer, te vira [...] para comida e roupas às vezes é diferente, se tem eles dividem. Mas a prioridade ali é a pedra. Por isso que eu prefiro ficar mais na minha, longe deles.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, Josué, 25.03.13)

Refletindo sobre a fala de Josué é possível visualizar que no grupo ele encontrasse suas relações sociais, mas não se doava a eles de forma completa, pois, como dito por ele mesmo, não dava para confiar em ninguém, mas ao mesmo tempo encontrava “parcerias” ali de forma a amenizar a solidão nas ruas. Josué possuía um sentimento de não pertencimento ao grupo, preferindo viver de forma mais distante, na frente do cemitério e quase sempre sozinho. No entanto, apesar do não pertencimento à cracolândia sentido por ele, estava constantemente trocando coisas com o grupo, sua presença física no grupo não era constante, mas era o suficiente para manter contato e ser altamente solidário com as pessoas que conviviam ali, pois, pelo que acompanhei desse espaço, Josué era uma pessoa muito bem aceita por todos devido ao seu perfil carismático, extrovertido e divertido. Sua solidariedade o mantinha em contato com o grupo envolvido em trocas constantes na ajuda pelo coletivo.

Jorge et al. (2013) aponta em seu estudo que os ambientes em que se consome crack são regados pela desconfiança. Os usuários, quando começam a se desorganizar socialmente, substituem as experiências positivas encontradas ali por medo e aspectos negativos, sendo a desconfiança e intriga exemplos típicos.

Refletindo sobre a fala de Josué, é possível pensarmos que a desconfiança que permeia certas pessoas que convivem nesses grupos pode ser a justificativa pela qual essas pessoas transitam tanto por locais diferentes, caracterizando esta

alta rotatividade apontada por este estudo. No momento em que há a quebra de confiança, os usuários optam por buscar novos locais ou novas estratégias em que sintam-se mais seguros, seja devido ao ambiente ou pelas próprias pessoas.

Bárbara, moradora de rua, foi uma das poucas mulheres que consegui acompanhar durante todo o estudo na Rua da Cidadania, no entanto, a aproximação e troca de palavras foram raras, pois ela possuía um temperamento muito difícil, não mostrando-se aberta a novas relações humanas, preferindo ficar isolada, inclusive como usuária de drogas, pois sempre que a via estava completamente sozinha. Porém, alguns poucos dias consegui me aproximar e, numa de nossas conversas, sem eu nada questionar, ela desabafou:

[...] apontou para o local da antena e disse que aquilo ali era o inferno da terra, que não era lugar de Deus, – ‘Mas é o único lugar que eu tenho para ficar.’” (Diário de Campo – Rua da Cidadania, Bárbara, 20.06.13)

De forma contrária a estas pessoas que não gostam de viver nas cracolândias, mas acabam passando parte do seu tempo ali por sentirem-se protegidas do resto da sociedade, há quem desfrute destes locais por mero prazer e vontade.

“Daniela, uma das moças com quem mais conversei neste dia, extrovertida e dona de uma simpatia singular, relatou que todos ali, naquela casa de consumo, eram uma família, que todos estavam juntos naquele ambiente por um bem comum, fumar e sentir o prazer que a droga proporciona, escondidos e longe daqueles que não entendem a forma que eles vivem e os recriminam em função disto.” (Diário de Campo – Casa do Pedro, 03.01.13)

Daniela falou com pesar que o preconceito que envolve as pessoas é o pior sentimento que há, pois ela vivia bem, tinha uma vida normal, trabalhou e se formou em técnico de enfermagem fumando crack e cheirando cocaína. Conseguiu conciliar estudos e trabalho por um longo tempo, fazendo uso de drogas. Na época ela havia abandonado o emprego para poder viver ao prazer da pedra, uma vez que ela fumava porque gostava e fumava porque queria, sem desejo de abandonar esse hábito.

Ela se referiu ao grupo como uma família, todos se ajudavam, dividiam as coisas entre si, mas todos de bem, se alguém fizesse algo que não fosse de bem era prontamente excluído do grupo, pois ela ainda relatou que todos ali já fizeram

loucuras pela droga, mas que não era mais permitido roubar, matar ou qualquer coisa que ameaçasse alguém, pois todos daquele grupo conheciam quem já matou, homens que faziam sexo anal em troca de droga e mulheres que faziam sexo por dinheiro.

Nestas experiências antigas do grupo, como referido por Daniela, novamente o paradigma do individualismo supera o paradigma do dom, pois a busca interessada por algo mostra-se meramente pela satisfação própria, sendo aliança e vínculo social não prevalentes nestas ações.

Além do clima familiar nestes grupos, como referenciado por Daniela, ao estar inserida neste meio observei que o ritual que eles possuíam de uso de droga assemelhava-se muito a uma roda de chimarrão, na maioria das vezes havia somente um cachimbo para o grupo todo, um era o responsável por prepará-lo e ir repassando ao grupo em movimento circular. As pedras eram fornecidas por quem tinha naquele momento, não ficando de fora do uso as pessoas que não forneceram a droga naquele momento. Quando tinha, dividia com o grupo. De forma voluntária e espontânea as pessoas prontificavam-se a ir buscar dinheiro ou mais pedras quando percebiam que já estava no final.

O ritual pode ser compreendido como eventos presentes na vida contemporânea, sejam eles sagrados ou profanos, banais (como as saudações cotidianas) ou ainda cultos religiosos, políticos e cívicos, enfim, eventos que constroem e expressam a vida tanto individual quanto social (LANGDON, 2007). Assim, o fumar crack em grupo torna-se um rito que caracteriza fortemente algumas das atividades que mais representa o grupo.

No entanto, neste cenário de roda de chimarrão, a teoria do dom pode explicar o valor intrínseco existente nessa relação. A aliança e o vínculo criados entre estas pessoas é o que subsidia a confiança e relação de solidariedade para que aquela pessoa que hoje não tem a pedra possa desfrutar do fumo de forma igualitária àquele que fornece a pedra na roda, na garantia e certeza fornecida ao grupo de que, assim que este possuir a pedra, irá compartilhar da mesma forma com que estão compartilhando com ele. Discutindo mais a fundo os conceitos de Mauss (2003), essa ação pode ser justificada pela força que existe na coisa dada/doada (*hau*), de que tudo que é doado sempre tende a voltar ao doador na forma do próprio bem ou algo similar que o substitua.

O *hau* é o espírito da coisa dada, é a força que existe no *taonga* (objetos) e que faz com que a coisa dada tenda a retornar ao seu proprietário. Esses conceitos foram desenvolvidos através da análise dos escritos de estudiosos que foram a campo e observaram as relações de troca na Polinésia. Os *taonga* e todas as propriedades pessoais têm um *hau*, um poder espiritual: “Você me dá um, eu o dou a uma terceiro; este me retribui um outro, porque ele é movido pelo *hau* de minha dádiva; e sou obrigado a dar-lhe essa coisa, porque devo devolver-lhe o que em realidade é o produto do *hau* do seu *taonga*” (MAUSS, 2003, p.198). Assim, acredita-se que a coisa dada não é inerte, mesmo quando abandonada pelo doador, ela ainda conserva algo dele. O *hau* quer sempre voltar ao lugar de seu nascimento, ao proprietário, é considerado uma espécie de indivíduo que se prende a essa série de usuários pela qual transita, até que estes retribuam com seus próprios *taonga*, ou então seu trabalho ou comércio através de banquetes, festas e presentes. Em Samoa e Nova Zelândia era assim que se davam as trocas obrigatórias das riquezas entre clãs e tribos (MAUSS, 2003).

Um outro membro do grupo, do Beco, quando conversamos o questioneei sobre a existência de coisas boas de viver neste modo que ele escolheu. João respondeu enfaticamente:

“Existe sim, claro! Não são todos, mas a maioria. A gente se ajuda, se protege, se tem irmão com fome, chega pedindo uma quentinha, a gente arruma, se a gente tem droga e ele tá na fissura, a gente arruma. Se não tem aonde dormir a gente também dá um jeito. Mas se fizer coisa ruim ‘para a empresa’ a gente já não ajuda, não adianta nem pedir porque a gente bota para correr.” – Questionei o que seria coisa ruim... (risadas) – “Coisa que não é certo, que deixe a empresa ruim, em risco. Fazer bandidagem mesmo, eu não aceito.” (Diário de Campo – Beco, 09.01.13)

“Eu adoro usar crack, gosto mesmo, conheço e sei todos os malefícios que causa socialmente a mim. Acabo ficando aqui, junto com este grupo pra usar minha droga e gosto de cachaça também, sou viciada. Quando eu uso crack tenho a necessidade de usar cachaça também, então isso potencializa a ação do crack e eu fico extremamente alterada, choro e fica agressiva, xingando todo mundo, e o melhor, eles me entendem e me aguentam.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, Adriana, 23.04.13)

“Tenho minha família que seguida vem aqui me buscar, quer dizer, tentar me levar, mas eu não vou. Tenho uma casa que meu pai deixou pra mim e para meus 11 irmãos, lá no Simões Lopes. Mas eu prometi para meu pai em seu leito de morte que não iria me desfazer dessa casa e agora toda família quer que eu assine para vender a casa e eu digo que não, que não vou deixar vender. Eles querem me levar daqui para voltar para casa deles e eu digo que não, não saio daqui, deste lugar para lugar que não é meu, só saio daqui quando tiver algo que é meu, do meu suor e do meu dinheiro. Aqui

pelo menos tenho meus amigos e fico bem com eles.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, Rubens 18.06.13)

O gosto por fazer parte destes grupos, de estar na rua com os demais usuários e por vezes fazer referência a eles como família pode ser justificado a partir do convívio que eles possuem com seus familiares em suas casas. A família é considerada uma instituição que normatiza, legaliza e legitima os comportamentos do indivíduo na sociedade. Dessa forma, o núcleo familiar cria regras e manuais práticos de comportamentos e pensamentos permitidos ou não ao indivíduo pertencente a esta família (RAMOS; NASCIMENTO, 2008). Os usuários de crack muitas vezes acabam por romper com estas regras impostas devido ao fato de consumir crack ser um comportamento e prática reprimidos no seio familiar. Assim, escolhem por fragilizar ou romper os laços familiares e viver nas ruas de forma a criar suas próprias normas e regras.

Raupp e Adorno (2010), em sua etnografia, descrevem um caso de um rapaz que vivia com sua mãe, estudava jornalismo e fumava crack. Conseguiu conciliar perfeitamente estudos e pedra por oito meses, até sua mãe descobrir e proibi-lo de fumar, não admitindo tal conduta. Por escolha própria, ele foi para as ruas juntar-se a cracolândias, por não suportar a repressão e julgamento familiares, apesar de ter grande vontade de voltar a estudar.

Atitudes como essas, descritas acima, remetem-nos a uma reflexão acerca do paradigma já existente, o paradigma individualista, contratualista, no qual todas as ações derivam de cálculos e são racionais, sendo a única forma de realidade para os indivíduos. Autores como Caillé (2002), diante deste e do paradigma holista (no qual a ação dos indivíduos é comandada por uma totalidade social), buscam firmar o terceiro paradigma proveniente da teoria do dom, pois nos dois primeiros a dádiva é incompreensível, uma vez que estes são regidos ou pelo interesse individual ou pela obrigação social. O dom busca a aliança e vínculos sociais através de relações que rompem com interesses capitalista e utilitaristas (CAILLÉ, 2002). Nestas passagens, o individualismo supera a relação familiar, pois este paradigma busca explicar a complexa interação dos indivíduos em livre competição rumo à satisfação dos próprios interesses.

Definir o grupo como família e sentir-se bem fazendo parte dele foi apontado por diversas pessoas com quem cruzei nesta caminhada, junto a suas falas e depoimentos positivos de viver nestas condições, pude perceber que de fato estas

peessoas, além do discurso oral apresentavam comportamentos que realmente condiziam com suas falas. A adaptação de viver nas ruas pode estar relacionada com a necessidade de viver em tais condições e dessa forma amenizar condições precárias que encontram diariamente para sobreviver.

Josué era uma das pessoas que apresentava fortemente tal característica, todos nossos encontros e conversas foram no local em frente ao cemitério, local em que ele preferia estar de forma mais isolada do grupo, e ali sempre era encontrado, fazendo uso de sua pedra ou apenas sentado observando o movimento da rua.

“Josué e seu irmão são rapazes jovens, na faixa etária dos 30 anos, porém com aparência física de forma a aparentar muito mais idade, estavam sujos, sem banho há muito tempo, conforme relatado pelo próprio Josué, odor forte e roupas rasgadas. Durante nossa conversa estávamos sentados na calçada e escorados na parede de uma casa em frente ao cemitério e ele apresenta-se praticamente deitado no chão, somente com a cabeça na parede e demonstrando grande conforto naquela posição. Ali era seu lugar preferido, pois observava a movimentação da rua e a entrada e saída de pessoas no cemitério.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, 25.03.13)

No estudo etnográfico realizado por Gomes e Adorno (2011) esta característica aparece de forma igualmente forte. Os autores exploraram a história de um senhor também em situação de rua que criava estratégias de manter-se isolado e em locais calculados para que sua visão alcançasse todo o ambiente escolhido e que, na ocorrência de alguma situação de risco, conseguisse sair ileso e de forma discreta. Na ocasião, ele contou que costumava deitar-se em um local de uma praça pública com todo o seu corpo coberto por cobertores, de maneira que só seu cachimbo ficava de fora para fazer o uso do crack. A posição escolhida era aquela em que conseguisse visualizar a movimentação de carros em sentido contrário ao seu, pois com a aproximação de viaturas policiais ele levantava-se e migrava para outro lugar, e a justificativa por manter o corpo coberto era que dessa forma as pessoas acreditavam que ele estivesse apenas dormindo e assim ninguém o abordava.

Outro local que marcou muito em mim essa adaptação de viver nas ruas foi na Rua da Cidadania, próximo ao “Muro”. Ali as pessoas ficavam sentadas no chão em meio a muito lixo, pois o terreno baldio que existia ao lado do muro foi transformado em um lixo a céu aberto pelos moradores do bairro. O trânsito de pessoas por esse terreno era muito grande, pois ali existia a possibilidade para

alguns de catar objetos possíveis de reciclagem ou então encontrar utensílios para uso próprio.

Certo dia saí do campo chocada com a cena que vi, próximo ao grupo que fazia uso de drogas neste local havia ratos muito grandes, vivos e mortos, nos quais acabei tropeçando por estar caminhando em um local com pouca iluminação. E o fato de esses animais estarem próximos a eles não incomodava a nenhum deles.

Além da presença dos ratos, outra marca muito característica do “muro” era a queima de lixo, gerando fogueiras enormes com conseqüente produção intensa de fumaça fétida, uma vez que o fogo era produzido em decorrência da queima de lixo. Todas as vezes em que neste local estive dentro destas condições, o mal-estar tomava conta de mim pelo forte odor e ardência nos olhos e boca. Ficávamos pouco tempo em decorrência disso, enquanto que para as pessoas que ali viviam a fumaça era algo secundário que parecia, por vezes, não existir.

“Neste dia havia um imenso fogo no lixo e a fumaça muito forte tomava conta da rua com aquele cheiro fortíssimo. Para o grupo que fazia uso de crack próximo dali, aquela fumaça e nada era a mesma coisa, parecia não haver nenhum agente externo interferindo no ambiente naquele momento, pois não reclamavam nunca dela, enquanto nós tossíamos e esfregávamos os olhos. Saímos desse grupo e fomos ver quem eram duas pessoas que estavam próximo ao fogo catando lixo sem o menor incômodo daquela fogueira, conforme nos aproximávamos meus olhos lacrimejavam e meu estômago se embrulhava devido ao mal cheiro e aquelas pessoas ali aproveitando-se da iluminação do fogo para catar lixo. Era a Nara e um rapaz que estavam ali que somente nos cumprimentaram mas não quiseram conversar para não parar de catar suas coisas.” (Diário de Campo – Rua da Cidadania, 10.06.13)

O ato de catar lixo, para alguns, significa questão de sobrevivência nas ruas. Neste local pude perceber e acompanhar ao longo do tempo a construção de “barracos” erguidos ao longo do muro como forma de abrigo, moradia e proteção. Esses barracos eram construídos somente com materiais do lixo ou encontrados pela rua. Dentro de um mês havia cerca de cinco barracos e consegui acompanhar a evolução das construções que aconteciam de forma muito rápida a cada semana. Nara, em uma das vezes em que conversamos, explicou-me que estava sempre atenta ao lixo, pois dali conseguia coisas muito boas para construir seu barraco, não podendo perder muito tempo, pois o inverno estava chegando e o frio castigava com eles que viviam nas ruas. Acompanhado de Nara sempre estava seu namorado, que a ajudava nesta trabalhosa tarefa.

“Fomos adiante, no muro do Vilage em frente à fogueira, local em que eles, moradores de rua, ergueram barracos para abrigo. São três, um maior e dois menores, são barracos quadrados feitos de pedaços de madeira e entulhos numa altura de aproximadamente 1,40 m no máximo. Não é possível um adulto ficar em pé lá dentro. Por cima há pedaços de telhas Brasilit, lona, pedra e mais pedaços de madeira e lixo para fazer a cobertura do barraco, existem pequenas entradas na frente simulando uma porta que não tem proteção, fica o espaço aberto. Para facilitar a compreensão, parece muito com uma casinha de cachorro, só que maior e com o telhado reto. De início eu custei a identificar que eram abrigos, pois de longe e no escuro parece entulho de lixo e sujeira, mas quando nos aproximamos vimos que havia pessoas ali e entendemos que tratava-se de ‘casas’.” (Diário de Campo – Rua da Cidadania, 10.06.13)

Aqui fica evidente o trabalho em grupo dessas pessoas para construir um local de abrigo, e isso era feito e usufruído em conjunto. Várias noites em que estivemos por lá, presenciávamos as pessoas usando crack nesses barracos de forma mais reservada e em pequenos grupos, de acordo com o tamanho do espaço interno. Nunca foi presenciado o uso individual de drogas nesses casebres.

No cemitério também presenciei cenas de adaptação e formas de proteção em grupo em preparação com a chegada do inverno. Sofás, colchões e cobertores foram encontrados em algumas das nossas visitas, além da criação de uma cortina amarrada com cordas para proteção do vento e papelões improvisados simulando a existência de paredes.

“Em cima deste colchão e dos pedaços de cobertores tinha um cachorro que gozava do calor do lugar. O ambiente todo estava muito sujo e fétido. E eles ali, deitados e sentados, aconchegados como se estivessem em uma cama limpinha e organizada.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, 18.06.13)

“O grupo colocou um papelão enorme (altura de 1,70 m) no canto da parede, simulando a formação de uma peça na esquina das paredes, o papelão simula uma parede formando um pequeno espaço triangular no ângulo de 90 graus formado no encontro entre as paredes construídas de alvenaria. A construção desta ‘parede de papelão’ pode se justificar pela noite ventosa que faz hoje, assim eles ficam protegidos do frio e também para ficarem menos expostos, pois quem entra no cemitério não os enxerga, pois o papelão faz uma enorme barreira visual.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, 15.05.13)

“Hoje o cemitério estava especialmente diferente, pois os usuários de crack conseguiram umas cordas (grossas) e cobertores. E com esses materiais eles fizeram tipo uma cortina no canto da parede, atravessando as cordas de uma parede a outra e pendurando os cobertores, parecendo uma cabaninha. Um das pessoas que estavam ali dentro segurava o cobertor para que ele ficasse erguido e não junto à parede. Ao entrarmos, a princípio enxerguei uma só pessoa ali, mas ao olhar lá para dentro tinha três pessoas protegidas e escondidas do vento.” (Diário de Campo - 25.06.13)

Pude perceber que existe esta forma de adaptação e cuidados entre esta população, principalmente frente a transformações climáticas, uma vez que o inverno é muito rigoroso nesta região. Há entre eles uma tentativa de manter o grupo confortável dentro do possível e a necessidade de uns cuidarem dos outros. No entanto, apesar de a maioria zelar pelo bem-estar do companheiro, existir esta preocupação com o próximo como coletividade, existe uma característica individual muito marcante na maioria deles consigo próprios, a baixa autoestima e subvalorização.

“Ele parou de mexer no seu cachimbo, olhou firmemente para a ARD e pensou alto: ‘Eu, quem sou eu? Eu sou Eu.’ E não falou seu nome. Prosseguiu: ‘Sou só mais um nesse mundão de droga que existe, nesta tristeza que tem’.” (Diário de Campo - Resposta de um usuário quando questionado sobre seu nome. Rua da Cidadania - 17.06.13)

Em outro momento, com nossa chegada num grupo na Rua da Cidadania, um dos usuários negou-se a apertar minha mão quando eu estava cumprimentando todo o grupo, justificando que não gostava de pessoas que não gostavam de quem usava drogas. Isso mostra a ideia que eles possuíam das pessoas que não conviviam com eles, ou seja, a sociedade em geral, pessoas fora do seu convívio diário.

A baixa valorização que possuem de si próprios remete-nos a uma questão mais particular muito forte entre esta população, principalmente entre casais, a questão e aceitação da violência doméstica à qual as mulheres estão sujeitas neste meio. Existe uma definição por parte delas de que, devido ao fato de serem “craqueiras”, merecem sofrer violência física de seus companheiros.

Dois casos particulares me chamaram a atenção, o de Sandra e de Valesca. Ambas jovens, na faixa etária de 28 anos de idade, uma casada e outra em um relacionamento sério, com também dois homens usuários de crack.

Com Valesca presenciei uma cena minutos após a agressão, na qual seu namorado a agrediu fisicamente dentro do cemitério.

“A briga foi com o namorado, lá no cemitério mesmo, este deu muitos socos e bofetões no rosto dela (assim ela relatou-me). Nos mostrou o rosto, o ARD usou a lanterna para facilitar a visualização e de fato o rosto do lado esquerdo estava inchado, mas sem ruptura de pele e sem sangramento. Estava se queixando de muita dor, examinei-a, ao toque na mandíbula

(local em que ela estava referindo maior dor) não tinha nada de alteração óssea sensível ao tato, mas mesmo assim falei que ela procurasse o PS ou UBS no outro dia para fazer um Raio-X. Perguntei qual o motivo da briga ter sido tão violenta assim: 'Nada, não fiz nada, só por bobagem [...]', e falou ainda: 'Mas eu sou uma craqueira, acho até que mereço levar na cara às vezes para ver o que eu estou fazendo da minha vida.' (Diário de Campo – Próximo ao Cemitério Recanto da Saudade, Valesca, 28.05.13)

Dias após esse ocorrido, tive a oportunidade de encontrar e conversar com o namorado de Valesca e então perguntar a ele o motivo da briga. Zilmar me contou que descobriu que Valesca estava prostituindo-se em troca de “pedra” e que atitudes desse tipo ele não perdoava. Julgava-se fiel ao relacionamento e não aceitava ser traído dessa forma.

“Eu sou o corno e o corno é sempre o último a saber. E comigo isso não funciona. Se ela me quer, que ela tome jeito, se não que caia fora. Mas ela não sai e fica na volta.” – “Conversamos com ele a questão da violência e ele disse que não iria mudar: 'Eu respeito os outros, eu tenho moral, sou usuário de crack mas não roubo de ninguém, não faço nada que seja injusto com os outros, se quero droga eu corro atrás, faço um bico aqui outro ali, tudo honestamente sem vender meu corpo e por que ela não consegue fazer isso também? Ela que assuma o papel de puta e não fique comigo.'” Falou ainda: 'Relacionamento entre usuários é complicado.', e ficou pensativo. Perguntei por quê. 'Pra mim, na maioria dos casos namoro é namoro e droga é droga, onde cada um faz por si. Mas comigo não é assim, eu sou parceiro, toda droga que eu consigo e ela está junto eu divido com ela. Quando ela consegue e não quer dividir comigo, o problema é dela, eu não me importo. Meus princípios são estes, estou junto então divido. E os resto das pessoas que usam crack não são assim, eu sou uma exceção. E ela não está sabendo valorizar isto e a gente briga.'” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, Zilmar, 04.06.13)

A prostituição é uma prática quase unânime entre mulheres em fissura, não havendo preocupação com questões sociais que as rodeiam, somente o desejo de obter a pedra. Estudos apontam que a prostituição masculina também existe (CHAVES et al., 2011; NAPPO; OLIVEIRA, 2008a), no entanto, neste estudo nenhum caso foi evidenciado diretamente.

Maria, uma mulher com quem cruzei uma única vez no Beco, dividiu comigo sua história acerca da prostituição que viveu em outra cidade, neste caso, a história contrapõe-se à questão de a prostituição não ser o meio de manter o vício, e sim a justificativa para entrar no vício. Na época, Maria não era mais profissional do sexo, mas alguns anos atrás, por necessidade, abrigo e fome, precisou prostituir-se para sobreviver, até então não era usuária de crack, mas relatou-me que foi no crack que viu a possibilidade de “anestesiá-la” e conseguir forças para trabalhar com seu

corpo na busca de dinheiro. No entanto, esta casa de massagem em que trabalhava era também uma boca de fumo que comercializava crack e outras drogas, assim, contraiu uma dívida impagável ao comprar crack abusivamente e sem controle, acabando por pagar sua dívida com o próprio trabalho e, como dito por ela, sendo escravizada dentro de uma dívida sem fim, pois nada do dinheiro que recebia dos clientes era para ela, tudo ia diretamente para a mão da dona da casa.

Essa história pesada e sofrida para Maria é vista como uma forma de violência também, pois trabalhar com seu corpo não era sua vontade, foi uma necessidade que se agravou ainda mais com o consumo do crack, pois o que inicialmente era uma fonte de renda para sua sobrevivência passou a ser uma escravidão em decorrência da pedra.

Essa narrativa e experiência de Maria vai ao encontro do estudo realizado por Cruz (2012), que aponta o uso de substâncias psicoativas como uma estratégia necessária de encorajamento para realizar a prostituição.

Já, para Sandra, que era casada, aceitava a violência da mesma forma que Valesca, no entanto, o que justificava essa aceitação era justamente o fato de estar casada e com isso possuir um lar e pensão oferecida pelo marido. Sandra me relatou que já estava acostumada a sofrer agressões, no entanto, ultimamente estava pedindo ao marido que fosse menos agressivo em relação à força, já que ele lhe batia da mesma forma que brigava com homens na rua. Assim, ela própria sugeriu que ele apenas a sacudisse e a apertasse, evitando socos e tapas, pois ela já estava cansada de sentir dor.

“O meu marido é um brutamonte, alto, é um horror (no sentido de violência). Apesar de ser simpático, querido com os outros, sempre sorridente, todo querido, quem não conhece melhor ele não acredita que ele é assim, é um horror, que bate em mulher e tudo que é mulher, se atravessou, levou. E bate na gente como se a gente fosse homem, na mesma força, mesmo jeito e tudo, não enxerga uma mulher, enxerga um homem ali [...] agora as coisas já estão bem melhor entre nós, que de tanto eu insistir, me impor, falar pra ele não bater tanto, ele agora só me sacode, sacudir e apertar já basta pra eu entender.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, Sandra, 28.05.13)

Nesses dois casos de relacionamento conjugal mostra-se evidente o abuso de poder dentro das relações, não havendo possibilidade de criação de laços sociais amigáveis.

Assim, Cruz (2012) defende a ideia de que se relações de gênero são relações de poder, existe então uma relação desigual a priori entre o masculino e feminino, mantendo, assim, a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal. Dessa forma, como nesses casos relatados, “não é necessário praticar a discriminação aberta contra a mulher ou a violência explícita para demonstrar sua presença na medida em que esse poder de gênero está assegurado por meio dos privilégios masculinos” (CRUZ, 2012, pág. 41).

Com isso, percebe-se que muitos dos valores antigos prevalecem, embora diversas mudanças já tenham ocorrido nos padrões de comportamento no que tange a gênero masculino e feminino. Ainda que o movimento feminista tenha transformado e construído novos olhares acerca da submissão da mulher questionando interesses, dificuldades e necessidades das mulheres, existe certa dificuldade perante grande parte da sociedade em aceitar tais transformações, pois certas dificuldades, necessidades, cuidar da família e da casa ainda são interpretadas como se fizessem parte do destino natural de ser mulher (MEYER, 2010).

O paradigma do individualismo, considerado o primeiro paradigma regido pelo interesse individual derivando ações calculadas e racionais, é o que conduz e justifica a submissão dessas mulheres (Sandra e Valesca) nos relacionamentos amorosos nos quais mostram-se envolvidas (CAILLÉ, 2002). As atitudes delas justificam-se por *status*, acesso fácil à pedra, e perpassam a relação de confiança e de companheirismo, como era o caso entre Valesca e Zilmar, o qual não tolerava a traição e infidelidade por motivo de drogas. Essas mulheres usam o corpo como ferramenta de troca com os homens, oferecem a eles o que possuem e em troca recebem o que precisam e julgam importante, assim criam laços suficientes para manter a relação e, enquanto lhes convier, havendo um valor maior sobre a coisa trocada/dada em relação ao valor da relação.

Por fim, no que tange à organização em grupo destas pessoas, em quase todas as cenas de que participei, mostrou-se de forma muito marcante a presença forte de um líder. Líder que, além de manter o grupo organizado e em ordem, decidia questões referentes à preparação do crack e consumo da droga. Em alguns grupos o líder era o responsável pela preparação do cachimbo e por estabelecer a ordem de consumo, cabendo aos demais integrantes obedecer as ordens e aguardar a sua vez para dar a sua “tragada”.

Em meio a esse cenário, pude perceber que o líder também fornecia drogas, mas a maioria era doada por integrantes do grupo que compartilhavam sua pedra com todos os que estavam presentes na roda, aparecendo de forma clara nesse ritual a força da coisa dada que tende sempre a retornar para seu doador (*hau*), pois, a partir da doação de pedra pelo líder do grupo, mais pedras tendiam a retornar a ele, completando o ciclo do dar, receber e retribuir, alimentado pela relação de aliança e solidariedade no grupo, caracterizando a obrigatoriedade intrínseca na ação do dar, receber e retribuir (MAUSS, 2003). Esta questão de liderança foi possível observar em duas situações mais marcantes.

Daniela, namorada do dono de umas das casas particulares de consumo que visitei, mostrava-se naturalmente líder do grupo por sua postura firme e por ser considerada uma das donas da casa.

“No centro deste grupo, e aqui me refiro a centro como liderança do grupo, era Daniela. Quando cheguei, ela que estava no comando do preparo do crack em cachimbos para serem fumados, ela foi quem preparou para todos no grupo. Possuía um pratinho no colo com uma vela acesa, um pedacinho de papelão que servia como colher, o cachimbo e as pedras [...] Enquanto conversávamos, todos sentados no chão (inclusive eu e o ARD) em forma de roda, ela preparou cachimbos o tempo todo e fumava quando chegava a sua vez [...] Um senhor, o mais idoso do grupo, morador de rua, estava inquieto querendo dar uma tragada, ela o xingou, disse que chegaria a vez dele e que ele soubesse esperar, e ele prontamente a obedeceu. Após fumar, foi para rua em busca de dinheiro, para conseguir mais droga e retornar para fumar no grupo.” (Diário de Campo - Casa do Pedro, 03.01.13)

“Eram seis pessoas, todos sentados no chão ao redor de uma pequena vela. Um deles, um senhor, era o responsável por preparar o único cachimbo para todos eles fumarem o crack. Com o passar do tempo o cachimbo ficou pronto para fumar, só que ninguém fumou, estavam todos conversando sobre a reportagem realizada sobre as cracolândias na cidade de Pelotas por um jornal local, exceto um rapaz (o mais jovem do grupo), que estava inquieto e não parava de cutucar o senhor pedindo o cachimbo. Ele cutucou tanto, a ponto de irritar o homem, fazendo com que ele o xingasse, falando para parar e esperar. Falamos que por nós não tinha problema, mas mesmo assim ele não deixou o rapaz fumar. Depois disse para o rapaz que, se quisesse fumar, fosse lá para o outro lado, bem longe dali, e assim o jovem fez.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade - 11.06.13)

“Dentro da barraca feita com cortinas no cemitério, Rubens dominava e liderava a arte de preparar os cachimbos, além de preparar o cachimbo para fumar, ele também preparava novos cachimbos. E de novo ele dedicava toda sua habilidade, concentração e dedicação para manusear aqueles cachimbos. Todo tempo em que permanecemos lá ele estava focado nisso para proporcionar ao grupo o prazer de usar cachimbos novos.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, 25.06.13)

Nessas cenas, mais uma vez ficou clara a existência de um líder no grupo, o mesmo responsável pelo preparo do cachimbo, posse e manuseio dos materiais (lata, espátula, isqueiro, cigarro, pedras de crack, todos dispostos em cima de um utensílio que assemelhava-se a uma bandeja) era também o responsável por manter o grupo de forma organizada e equilibrada para o consumo do crack.

No entanto, a liderança, apesar de ser forte em alguns grupos, não está presente em todos eles. Na ausência dela, os usuários se organizam entre si no ritual de preparo do cachimbo de modo que todos sejam contemplados com o ato de fumar. Muitas vezes o trabalho é em equipe, no qual cada um desempenha uma tarefa de forma que o cachimbo seja bem preparado sem sobrecarregar ninguém.

“Durante nossa presença eles não estavam fazendo uso de crack, mas sim preparando seus cachimbos. Dois deles estavam mexendo, limpando os cachimbos, estavam com as tampinhas abertas limpando o interior, tirando os restos de cinzas e concentradíssimos nesta tarefa, sempre de cabeças baixa, tanto que é que quando estávamos interagindo com o grupo um deles disse que não podia conversar conosco porque estava preparando o ‘bagulho’ e estava muito concentrado.” (Diário de Campo – Rua da Cidadania, 13.05.13)

“No cemitério estavam dois homens, um ao lado do outro, e entre eles havia tampas de refrigerante, capas de CD, CDs, garrafa plástica e cigarros para produção de cinzas, muito material para ser usado na preparação do cachimbo para fumar. Um deles estava muito concentrado no ritual de preparo do cachimbo, pois ele nem nos olhava para falar, focado naquilo como se fosse uma obra de arte sendo construída (colocando as cinzas junto com a pedra e depois acendendo), e assim eles ficaram durante toda nossa conversa. O Carlos o ajudava, estava ali como se fosse um auxiliar. Um pedia as raspas, o material, a cinza do cigarro e o outro ia alcançando, e os dois fumando o mesmo cigarro de tabaco para produção de cinzas.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, 04.06.13)

“Quando nos aproximamos de um grupo na rua da Cidadania, entendi o porquê de estarem silenciosos e com a cabeça baixa, todos estavam com um cachimbo na mão e manipulando-os, pareciam estar em transe com aqueles objetos, um deles raspava uma lata e os demais acomodavam as cinzas e preparavam o fogo para acender a pedra.” (Diário de Campo - 10.06.13)

“Em meio ao grupo de cinco pessoas, havia dois homens que estavam juntos mexendo em três cachimbos. Novamente presencio a cena de arte de ‘esculpir cachimbos’. Os materiais estavam no chão, próximos a uma pequena vela que iluminava o ambiente, além dos três cachimbos tinha uma base de alumínio que assemelhava-se a uma bandeja, repleta de cigarros, cinzas, faca, espátulas e pedras de crack, além de um isqueiro. Neste momento eles fumavam cigarros de tabaco para produção de cinzas. Entre eles acontecia um trabalho em equipe muito interessante, o principal triturava a pedra de crack de forma minuciosa enquanto o outro fumava tabaco em maior quantidade para criar cinzas e ia separando-as nesta bandeja, estava também auxiliando o líder na preparação do cachimbo, pois tudo que um pedia o outro executava, como alcançar as cinzas, isqueiro

para acender o cachimbo e manter o local organizado.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, 18.06.13)

“Uma equipe trabalhava na preparação do cachimbo. O que raspava a lata (lata de refrigerante aberta) seguia raspando exaustivamente, e os demais arrumando cinzas, limpando o interior do cachimbo, e simultaneamente passava entre eles um cigarro de tabaco para produção de cinzas, e o interessante que pude observar é que eles se comunicam simplesmente por gestos ou olhares. Enquanto o senhor falava, nenhum deles falou uma palavra sequer, quando um deles estava tempo demais com o cigarro ou com cinzas produzidas o suficiente em sua latinha para colocar no cachimbo, os outros cutucavam ou assoviavam e faziam um gesto com as mãos que o que estava com o cigarro ou com as cinzas entendia o recado e passava adiante, compartilhando o material. Assim também para os demais materiais, um deles estava com um material tipo uma espátula, que eles usam para amassar e triturar a pedra, e só havia um para todos e, a um único sinal, aquela espátula trocava-se de mão numa rapidez e sincronia fantástica, só não consegui entender como eles sinalizam que material eles estão precisando, pois um momento um deles estava com a espátula e o cigarro ao mesmo tempo, e a um certo sinal ele repassou somente o cigarro e permaneceu com a espátula.” (Diário de Campo – Rua da Cidadania, 18.06.13)

“Um dos rapazes do grupo pediu que alguém o fizesse um novo cachimbo, após o pedido anunciou ao grupo de usuários que tinha feito uma “corrida” (não especificou a atividade) e que tinha descolado 20 reais, e que eles esperassem um pouco mais pois ele conseguiria mais quatro pedrinhas para o grupo fumar.” (Diário de Campo – Cemitério Recanto da Saudade, 25.06.13)

Corroborando com outros estudos, as formas de uso de crack encontradas neste estudo são também de maneira fumada em cachimbos e em latas, assim como em São Paulo e nos Estados Unidos. Os cachimbos podem ser de madeira, mas também confeccionados manualmente pelos usuários, sendo utilizados materiais resgatados principalmente dos lixos, como tampas de garrafas pet, antenas, canetas, latas de alumínio (de cerveja e refrigerantes), isqueiros, entre outros, possuindo também as cinzas de tabaco como elemento essencial para serem acesos (JORGE et al., 2013; NAPPO; OLIVEIRA, 2008a).

Além desta troca e ajuda mútua no preparo de cachimbos para fumar, encontradas em todos os grupos de pessoas que usam crack, há também uma outra relação de troca e solidariedade entre eles. Existe uma preocupação muito grande entre eles referente à saúde do próximo. Preocupação com as gestantes que não fazem pré-natal, pessoas que possam ter problemas de saúde, como tuberculose e outras necessidades e fragilidades, aos quais os usuários ficam expostos em decorrência do uso de crack e outras drogas.

A dádiva, pode-se perceber, é algo que permeia a relação entre estas pessoas, e, neste caso, de forma a estabelecer vínculos de ajuda, afeto e solidariedade (CAILLÉ, 2002).

“Uma das moças presente no grupo na casa de consumo de Pedro, que além de ser usuária compulsiva apresenta deficiência mental, após fumar quatro pedras consecutivas já não tinha noção plena do que estava fazendo, pois tentava acender um cachimbo e não conseguia de jeito nenhum. Neste momento uma outra moça que fumava junto a ajudou de forma caridosa, pediu que ela tivesse calma e acendeu o fogo, queimou a pedra e mandou tragar no momento certo. Percebi neste ato uma gentileza, pois, diante da fraqueza da colega, ela mostrou-se solidária a ela.” (Diário de Campo - 08.01.13)

Em uma das nossas visitas ao grupo do cemitério, conheci Jerônimo, um jovem de 18 anos, ex-usuário de crack e outras drogas que encontrava-se em situação de reorganizar sua vida. Estava em abstinência havia poucos meses e contou-me que estava retomando seus estudos e a procura de emprego. Estava no cemitério, de mochila nas costas, retornando da aula, e chegou ali como de costume, para rever os amigos. Não fez uso de nenhuma substância, só estava de passagem e permaneceu conosco cerca de 20 minutos. Em meio à nossa conversa, Bela manifestou o desejo de se internar para abandonar o uso do crack, mas demonstrou fraqueza por encontrar-se sozinha, sem coragem e ânimo para agilizar tal processo. A ERD orientou quanto aos passos de procura com o CAPS-AD e Jerônimo prontamente ofereceu-se para ajudá-la em tudo o que fosse necessário, transmitindo sensação de conforto e segurança a Bela, que respondeu positivamente à boa ação do colega.

Oliveira e Nappo (2008b) afirmam que o afastamento do contexto social que permeia o uso do crack trata-se de estratégia importante para manter a abstinência. Atividades como frequentar cenas de uso e manter relações sociais com usuários devem ser evitadas, pois ações dessa natureza podem levar a recaídas. No entanto, aqui aparece de forma contrária, na qual um rapaz em plena abstinência (informação cedida por Bela e ARD) escolhe não abandonar o grupo, estando em fase de tratamento e sentindo-se seguro de manter hábitos que costumava ter antes de abandonar a pedra, frequentando cenas de uso em teor solidário para saber notícias de seus companheiros.

Godbout (1998) caracteriza o dom como uma prática de liberdade, prazer em realizar o gesto e espontaneidade em tal ato, de forma que a dívida entre os

envolvidos aumente e os laços se estreitem, havendo a incerteza do retorno, somente a certeza da aliança e do vínculo. De fato é o que se mostra presente nesta ação de Jerônimo, que, de forma despretensiosa, buscava somente ser solidário com a companheira, além de fazer movimentos de preservar a relação com ela e com o grupo.

Sandra, uma mulher de 29 anos, que conheci ainda gestante (aproximadamente cinco meses de gestação), era usuária de crack e fez uso controlado durante toda a gestação. A conheci graças à solicitação das pessoas do grupo do cemitério, pois eles pediram à ERD que fizesse uma visita a ela, na tentativa de convencê-la a realizar o pré-natal, pois, até então, ela negava-se a ir à UBS por medo da ação de o Conselho Tutelar recolher o bebê após o nascimento, por ela ser usuária de crack. O grupo todo mostrava-se muito motivado a ajudá-la, demonstrando preocupação com a saúde da mãe e do bebê. As pessoas vieram mais de uma vez até nós solicitando uma visita a ela, entre homens e mulheres.

Os usuários de crack são pessoas que apresentam-se em estado de vulnerabilidade e riscos, além de carregar estigmas pesados relacionados à marginalização e criminalidade, com isso, as abordagens dos serviços de saúde exigem criatividade, paciência e respeito, a fim de superar esses quesitos e favorecer uma relação de cumplicidade e trocas, e assim conseguir aproximar e manter esta população junto aos serviços de saúde (BRASIL, 2009). Fato que não aconteceu neste caso específico, exceto a ação da ERD, como presenciado, pelo medo da mãe em realizar um pré-natal.

O grupo do cemitério mostrava-se como um grupo acolhedor a pessoas de fora, sem abrigo. Presenciei, em três visitas, homens de outras cidades que estavam de passagem pela cidade e neste ambiente foram acolhidos para passar a noite e fazer o uso da sua droga.

Na etnografia de Gomes e Adorno (2011), em São Paulo, esta característica acolhedora mostra-se de forma similar, duas pessoas relataram encontrar no grupo companhias que não possuíam fora deste meio. Eram pessoas sozinhas no mundo, sem familiares e sem perspectivas de futuro. Em um dos casos, o sujeito encontrava-se doente, sem condições de trabalhar, fumar, e negando-se a receber ajuda de saúde, alegando sentir-se melhor próximo aos “seus”, mesmo sem poder fumar, só pela parceria e “agito”.

Existe também a solidariedade das pessoas que possuem residência própria em ceder esse espaço aos desabrigados que não têm aonde fumar e não querem se expor na rua. Presenciei cenas assim na casa do Pedro, da Marina, e antigamente a casa da Sandra, que também era uma casa de consumo. Seus donos as ofereciam e deixavam de portas abertas a quem quisesse fumar ou necessitasse de abrigo, transformando-se assim em verdadeiros aglomerados de gente e formando as cracolândias em locais privados e mais discretos.

“João saiu ontem do Hospital Psiquiátrico, após 45 dias de internação e abstinência. Porém, hoje teve uma recaída e encontrava-se novamente fumando crack. A tristeza deste rapaz me comoveu. Ele mostra-se claramente desapontado, dizendo que isso não é vida para ninguém, que queria parar de usar, mas ao chegar ali naquela casa não tinha como não usar, que era mais forte que ele. E alegou que não tinha para onde ir, pois era morador de rua e ali era o único refúgio de não ficar na rua, era o único abrigo e casa de portas abertas para ficar. Ou então ir para o cemitério do Fragata (parte dos fundos), aonde tem um abrigo que protege do sereno, mas que é um lugar aberto e na rua. Com isso, percebo a atitude de solidariedade do dono da casa em abrigar aqueles que não têm abrigo sem pedir nada em troca.” (Diário de Campo – Casa do Pedro, 08.01.13)

Na rua da Cidadania há uma circulação maior de pessoas dependentes de crack e em situação de rua, em decorrência disso há um maior número de pessoas com maiores fragilidades e problemas de saúde. No decorrer de todo o estudo, foi muito comum a ação das pessoas que apresentavam-se com saúde mais íntegra pedirem ajuda para os mais debilitados.

“Nara pediu ao ARD cachimbos, pois uma vez o Redução forneceu cachimbos para eles quando uma ONG deu ao programa. Nara lembrou da época que recebeu e falou que seria importante se seguissem dando o material, pois ali todo mundo compartilha, disse ela. Falou mais: ‘Se vocês pegassem os velhos nas trocas, vocês abram e vejam o que tem lá dentro, chega a ter até ‘catarro’ lá dentro, tem cinza e tudo que é porqueira lá dentro, e fora que todo mundo usa, então tem coisa ali de todo mundo ali dentro. Então vai ser um baita trabalho se vocês trouxessem de novo aqueles cachimbos e ajudaria estas pessoas que estão aqui e têm tuberculose e mais um monte de doença.’” (Diário de Campo – Rua da Cidadania, 13.05.13)

“Encontramos Bárbara no meio do caminho. Ela estava caminhando no sentido oposto ao nosso e, quando nos identificou, veio até nós para conversar, elogiou o trabalho do Redução e nos pediu que passássemos ali no muro, porque tinha muita gente ali e muitos dali estavam doentes, que fôssemos lá e orientássemos a fazer exames, que usar crack não é só usar crack, tem que se cuidar, se alimentar, ir nos postinhos de saúde fazer exame de sangue, ver se não tem AIDS e TB. Mas que a gente chegasse até eles como profissionais de saúde e não disséssemos jamais a eles que ela tinha pedido, era segredo, o nome dela não poderia ser mencionado,

demonstrando grande preocupação com eles e com o sigilo dela, pois segundo ela tinha muita gente ali precisando de cuidados e remédios.” (Diário de Campo - Rua da Cidadania, 10.06.13)

Estas orientações de saúde solicitadas pelos próprios usuários demonstram a noção que eles possuem acerca dos riscos de transmissão de doenças por uso do cachimbo compartilhado, aos quais estão sujeitos. O metal aquecido causa lesão no tecido cutâneo, levando ao aparecimento de bolhas e feridas na língua, nos lábios, rosto e dedos. Uma vez o cachimbo compartilhado, o contato com o sangue de outros usuários pode aumentar o risco de transmissão de doenças infectocontagiosas. Entre a população feminina, os agravos podem ser ainda maiores, já que usuárias, ao trocarem preferencialmente sexo oral e desprotegido por crack, possibilitam o contato de suas feridas com o sêmen do parceiro, o que lhes aumenta os riscos de contágio por doenças sexualmente transmissíveis, dentre elas o HIV (JORGE et al., 2013).

Pude perceber que há uma rede informal de cuidados entre esta população e isso me faz pensar, além de vivenciarem toda a carência de assistência de saúde que eles possuem, na falta de uma rede de atenção concreta e eficaz para atender esta clientela, como, por exemplo, a não existência de um consultório de rua. Razão pela qual os amigos são as pessoas que servem de referência, apoio e auxílio no que tange a cuidados à saúde.

A aliança e o vínculo social, neste contexto, é que mantém o grupo como grupo, pois, na ausência da rede formal de cuidados e atenção a esta população, é o grupo que abarca a solidariedade e ajuda como seres humanos. Mostrando-se evidente o valor da aliança como superior aos bens ou interesses pessoais (GODBOUT, 1998).

Nesse contexto, destaca-se então a fragilidade do nosso sistema de saúde e o despreparo para lidar com este problema de saúde pública. Lima (2013) defende uma rede capacitada em criar e executar projetos terapêuticos singulares a fim de indicar e fortalecer o vínculo entre a equipe de saúde e o usuário. Deve-se pensar o atendimento com foco na humanização, a partir das necessidades de cada um. A implantação de mais centros de atenção psicossocial e consultórios de rua com recursos humanos capacitados pode ser uma proposta operacional para qualificar o cuidado e atendimento a estas pessoas, e que assim se consiga amenizar esta problemática, pois trabalha-se com o sujeito inserido em seu contexto social e de

forma aberta. No entanto, a gestão deve priorizar as políticas de saúde mental, de atenção básica, de uso de álcool e outras drogas, para que resultados apareçam e os movimentos/transformações aconteçam. Nota-se que nos dias de hoje muitas políticas não são priorizadas, ocasionando aumento dos problemas e diminuição na qualidade de vida das pessoas que necessitam de assistência.

7 Considerações finais

Com a realização deste estudo foi possível compartilhar e desmistificar um modo de vida tão particular e invisível dos usuários de crack e outras drogas aos olhos da grande população. Sem a intenção de generalizar, buscou-se valorizar a singularidade de cada pessoa acompanhada mais de perto e a organização como grupo, mostrando as diferentes trocas e alianças constituídas. Dessa forma, a concretização desta etnografia respondeu aos seus objetivos, o de conhecer o sentido antropológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack e outras drogas dentro das cenas de uso, bem como identificar as trocas e laços existentes e os motivos que mantêm as pessoas nas crackolândias.

Ao longo deste caminho pude constatar, como inicialmente imaginado, que em diferentes situações as relações de troca/doação são o que mantêm o grupo como grupo. O grupo assume papel acolhedor na ausência de laços familiares e amigáveis e, nestes locais de uso, as pessoas sentem-se de fato em condições de igualdade e longe de recriminações e julgamentos.

Ter a oportunidade de estudar, pesquisar e me aproximar de uma das temáticas que mais está em evidência nos dias atuais é com toda certeza uma chance ímpar de refletir sobre diversos aspectos que envolvem o fenômeno positivo e negativo relacionados ao uso de substâncias psicoativas.

Este estudo foi além dos problemas fisiológicos e biológicos atrelados ao ser humano por uso abusivo de drogas, ele priorizou conhecer e acima de tudo dar voz às pessoas que fazem uso de drogas, valorizando suas vivências, relações sociais, alianças e vínculos nascidos e cultivados dentro das cenas de uso de crack e outras drogas, lugares escolhidos por eles próprios e que fazem parte de suas histórias.

Esta etnografia desvelou diferentes formas de viver, de adaptação e de organização como grupo.

Inicialmente, imaginava que eu teria grande dificuldade de encontrar no Município de Pelotas diferentes cenas de uso, como proposto neste estudo, pois a ausência de informações e a invisibilidade a respeito destes locais me fizeram acreditar que as observações se restringiriam a apenas um local (em uma casa particular de meu conhecimento prévio). No entanto, a facilidade de encontrar locais públicos de uso se tornou uma novidade neste estudo, porém, locais públicos estrategicamente pensados no isolamento e afastamento de ambientes movimentados. Esta experiência aparece de forma a confirmar que os grupos de usuários de crack buscam se camuflar em locais mais protegidos, de baixa circulação de pessoas, na tentativa de manterem-se invisíveis e protegidos do olhar marginalizante da sociedade.

As cenas de uso criadas por esta população não são configuradas apenas como local único e exclusivo de consumo de drogas, apesar de a maioria das pessoas que se encontram nelas fazerem uso de crack e outras substâncias, ela também serve como abrigo àqueles que estão sem pouso ou são de outros municípios, e ainda são ponto de encontro entre pessoas que migram por toda cidade.

A associação existente entre usuário de drogas e criminosos é algo que apareceu de forma muito forte e como causadora de sofrimento nestas pessoas, pois carregar a identidade de “ladrão” e “vagabundo” trata-se de uma tarefa árdua e pesada, uma vez que a maioria das pessoas com quem cruzei nesta caminhada tinham a necessidade de falar e apresentarem-se como pessoas honestas e de caráter, não permitindo-se envolver em ações ilícitas somente por serem usuários de drogas.

A expressão popular “gente como a gente” foi algo muito marcante no transcorrer deste estudo, pois os usuários de crack dentro das cenas de uso são pessoas que mostram-se contrárias às imagens vendidas nos grandes veículos de comunicação, são pessoas sorridentes, falantes, extrovertidas, algumas felizes, outras tristes, mais cabisbaixas, enfim, pessoas com livre arbítrio, com poder de decisão e acima de tudo envoltas por sentimentos, percepções e desejos.

Há quem se doe por inteiro ao prazer das drogas, abdique de família, lar e comodidade para juntar-se a grupos que compartilham da mesma ideia. Mas também há os que passam seu tempo junto a esses grupos por falta de escolha e de

oportunidades, mostrando o sistema falho que abarca nossas políticas sociais e de saúde.

As condições de viverem nas ruas, sujeitas a alterações climáticas que por vezes são prejudiciais, como o frio, fazem dessas pessoas uma rede organizada no combate a essas situações. Existe um trabalho coletivo na tentativa de amenizar o frio e na busca por um refúgio, exercendo a criatividade como grupo em criar estratégias para encarar as adversidades encontradas.

Alguns se dizem nômades, denominam-se livres, sem vínculos a grupos. No entanto, de diferentes formas estão quase sempre próximos, prezando pela saúde e relações de ajuda e solidariedade. A preocupação em ajudar o companheiro que pode estar doente, sem retorno de nada, apenas por solidariedade, mostrou-se muito forte neste trabalho, destacando-se mais uma vez a rede de apoio existente entre esta população.

Alguns, principalmente as mulheres, em busca da pedra, submetem-se a violência e abuso do próprio corpo, preferindo agredirem-se a si próprias em prol do prazer da droga e pelo *status* de estarem com pessoas influentes neste meio, ou seja, buscando se manter próximas aos traficantes. Em outra situação, se observou o caso da necessidade do consumo de drogas para suportar o trabalho na prostituição.

Na maioria dos grupos, existe a presença de um líder, o qual mostra-se responsável por manter organizado e equilibrado o grupo, cabendo a ele a responsabilidade de organizar o consumo da droga entre várias pessoas quando estão compartilhando, e por vezes responsável também pela confecção e trabalho em grupo dos cachimbos.

Na falta ou escassez, dividem e compartilham droga, roupas ou comida, na incerteza do retorno do bem. Ajudam quem está na fissura, com fome ou com frio, assim como aquele que deseja parar e internar-se, mostrando-se presentes e ao lado no momento em que for preciso.

Ao fim de todo este trabalho e refletindo sobre os dias de campo que vivi, a teoria do dom permeia imensamente as relações no presente, no momento em que estão no grupo, mostram-se solidários em certas situações, dividem e doam a pedra quando necessário, sem a certeza do retorno, organizam-se e buscam ajudar no cuidado da saúde dos mais debilitados. No entanto, essas relações mostram-se diferenciadas no que tange à alta rotatividade que caracteriza esses grupos. Por

serem assim, dinâmicos, eles vivem e convivem somente com os que estão presentes ali, naquele momento. O futuro é incerto para muitos deles, pois a certeza de que estarão juntos é pequena, e algumas horas são suficientes para todo o grupo se desconstruir e construir outro diferente, com pessoas diferentes, num ciclo repetitivo e constante, não havendo a certeza do vínculo profundo e da aliança, mas somente do ato.

Fica evidente, dentro da sociedade paralela criada por eles, também a busca por interesses. Ao mesmo tempo em que buscam desprender-se da sociedade capitalista, da moral e das regras que regem nossa sociedade, organizam-se de forma particular, encapsulados em um grupo que cria suas próprias regras, normas e moral. Buscam seus interesses, envolvem-se num capitalismo forte regido pela comercialização ilegal das drogas, acordos financeiros entre traficante e usuário, atividades ilícitas, e assim alcançam seus objetivos.

No entanto, diante de tantos achados impactantes, de vidas sofridas, de outras nem tanto, de ajuda, solidariedade e também interesses, respeitar o ser humano e tentar compreender diferentes formas de vida talvez seja um dos grandes desafios a se vencer na luta contra o preconceito e estigma criados acerca dos usuários de droga.

As mudanças só começarão a aparecer no contexto destas pessoas, no momento em que as políticas de atenção e assistência que envolvem esta população passarem a ser prioridades dos nossos gestores. Para isso faz-se necessário valorizar estudos de contexto social e cultural dos cenários de uso de forma integrada a dados epidemiológicos e estatísticos, na intenção de compreender o fenômeno do uso de drogas, facilitar a imersão de diferentes atores neste contexto, a aproximação de diferentes áreas do conhecimento, para que se produzam meios mais eficazes de abordagem, aproximação e vínculo com esta população, proporcionando, sobretudo, acolhimento de suas necessidades, que em muitos momentos apareceram negligenciadas.

Referências

AL ALAM, M.C.L.; GOULART, G.L.; CRUZ, V.D.; SILVA, P.M.; CAMPOS, R.Z.; OLIVEIRA, M.M. Relato de experiência do Programa de Redução de Danos de Pelotas/RS. **Journal of Nursing and Health**, n.2, p. 258-264, 2012.

ALMEIDA, R.B.F. **O caminho das pedras: conhecendo melhor os usuários de crack do município de Recife-PE**. 2010. 152f. Dissertação (Mestrado em Psicologia clínica) -Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

ALVES, H.N.P.; RIBEIRO, M.; CASTRO, D.S. Cocaína e crack. In: DIEHL, A.; CORDEIRO, D.C.; LARANJEIRA, R. (Org.). **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p.170-79.

AMARANTE. P. Crack, comunicação e saúde. Disponível em: <<http://www6.ensp.fiocruz.br/radis/revista-radis/130/reportagens/crack-comunicacao-e-saude>> Acesso em: 23 jul. 2013.

BASTOS, F.I.P.M. Crack, comunicação e saúde. Disponível em: <<http://www6.ensp.fiocruz.br/radis/revista-radis/130/reportagens/crack-comunicacao-e-saude>> Acesso em: 23 jul. 2013.

BECKER, H.S. **Outsiders – Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 116p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Comissão Nacional de ética em pesquisa. **Resolução nº 196/96 sobre pesquisas envolvendo seres humanos**. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 344 de 12 de maio de 1998**. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001**. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids. **A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas**. Brasília, 2003.

BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. **Resolução nº 311, de 08 de janeiro de 2007**. Rio de Janeiro, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas. **O crack: como lidar com este grave problema**. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas-SISNAD: **Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006 e legislação correlata**. 2.ed. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. 2013. **Perfil dos usuários de crack e/ou similares no Brasil**. Brasília, 2013.

CAILLÉ, A. Nem holismo nem individualismo metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista Brasileira Ciências Sociais**, v.13, n.38, 1998.

CAILLÉ, A. **Antropologia do dom: o terceiro paradigma**. Petrópolis: Vozes, 2002. 325p.

CAILLÉ, A.; GRAEBER, D. In: MARTINS, P.H. (Org.). **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.17-31.

CARLINI, E.A.; NAPPO, S.A.; GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO, A.R. Drogas psicotrópicas: o que são e como agem. **Revista IMESC**, n.3, p. 9-35, 2001.

CEBRID. Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas. **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005**. São Paulo, 2007.

CHAVES, T.C.; SANCHES, Z.M.; RIBEIRO, L.A.; NAPPO, S.A. Fissura por crack: comportamento e estratégias de controle de usuários e ex-usuários. **Revista de Saúde Pública**, v.45, n.6, p.1168-1175, 2011.

CRUZ, V.D. **Vivências de mulheres que consomem crack em Pelotas-RS**. 2012. 112f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

DUALIBI, L.B.; RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. Profile of cocaine and crack users in Brazil. **Caderno de Saúde Pública**, v.24, n.4, p. 545-557, 2008.

DRAUS, P.J.; CARLSON, R.G. Change in the scenery: an ethnographic exploration of crack cocaine use in rural Ohio. **Journal of Ethnicity in Substance Abuse**, v.6, n.1, p. 81-107, 2007.

FERNANDES, L.; PINTO, M. El espacio urbano como dispositivo de control social: territorios psicotrópicos y políticas de la ciudad in uso de drogas e drogodependencias. **Monografias Humanitas**, n.5, p. 147-162, 2006.

FERREIRA, P.E.M.; MARTINI, R.K. Cocaína: lendas, histórias e abuso. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.23, n.2, p.96-99, 2001.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, v.10, p. 58-78, 1999.

GALDURÓZ, J.C.F.; CAETANO, R. Epidemiologia do uso de álcool no Brasil. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.26, n.supl I, p.3-6, 2004.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

GODBOUT, J.T. Introdução à dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.13, n.38, 1998.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 2004. 124p.

GOMES, B.R.; ADORNO, R.C.F. Tornar-se “noia”: trajetória e sofrimento social nos “usos de crack” no centro de São Paulo. **Revista etnográfica**, v.15, n.3, p.569-586, 2011.

JORGE, M.S.B.; QUINDERÉ, P.H.D.; YASUI, S.; ALBUQUERQUE, R.A. Ritual de consumo do crack: aspectos socioantropológicos e repercussões para a saúde dos usuários. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v.18, n.10, p.2909-2918, 2013.

LANGDON, E.J. Rito como Conceito Chave para a Compreensão de Processos Sociais. **Antropologia em primeira mão**, n.1, p. 5-10, 2007.

LANNA, M. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. **Revista Sociologia Política**, n.14, p. 173-194, 2000.

LIMA, F. Os limites da internação compulsória. Disponível em: <http://www.retsus.epsjv.fiocruz.br/upload/59/Retsus_59_Especial.pdf> Acesso em: 03 out. 2013.

MAC RAE, E. **Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD)** – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2003.

MALHEIRO, L.S.B. **“Entre Sacizeiro, usuário e patrão”: um estudo etnográfico sobre consumidores de crack no centro histórico de Salvador**. 2008. 70f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MALHEIRO, L.S.B.; MAC RAE, E. **Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral a saúde**. In: Trabalho de campo e a construção de políticas para usuários de drogas - a questão dos usos de crack na atualidade: um olhar sobre usuários e usuárias. Recife: Ed. Instituto PAPAI, 2011.

MARQUES, A.C.P.R.; CRUZ, M.S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.22, n. supl 2, p.32-36, 2000.

MARTINS, P.H. A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.73, p.45-66, 2005.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 536p.

MELONI, J.N.; LARANJEIRA, R. Custo social e de saúde do consumo do álcool. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v.26, n.supl I, p.7-10, 2004.

MELOTTO, P. **Trajetórias e usos de crack: estudo antropológico sobre trajetórias de usuários de crack no contexto de bairros populares de São Leopoldo-RS**. 2009. 94f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) -Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. "In": LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 9-27.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 407p.

NAPPO, S.A.; GALDURÓZ, J.C.F.; MATTEI, A.R. Crack use in São Paulo. **Substance Use and Misuse**, v.31, n.5, p.565-579, 1996.

NAPPO, S.A.; GALDURÓZ, J.C., RAYMUNDO, M.; CARLINI, E.A. Changes in cocaine use as viewed by key informants: a qualitative study carried out in 1994 and 1999 in São Paulo, Brazil. **Journal Psychoactive Drugs**, v.33, n.3, p.241-253, 1999.

NEVES, T. A etnografia no estudo do desvio. In: V Congresso Português de Sociologia - Sociedades Contemporâneas - Reflexividade e Acção, 2006. p.96-101.

ORO, A.P. As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. **Debates do NER**, n.13, p.13-29, 2008.

OLIVEIRA L.G.; NAPPO A.S. Crack na cidade de São Paulo: acessibilidade, estratégias de mercado e formas de uso. **Revista de psiquiatria clínica**, v.35, n.6, p.212-218, 2008a.

OLIVEIRA, L.G.; NAPPO, A.S. Caracterização da cultura de crack na cidade de São Paulo: padrão de uso controlado. **Revista de Saúde Pública**, v.42, n.4, p.664-671, 2008b.

PANNEKOEK, A. **A revolução dos trabalhadores**. Brasil: Barba Ruiva, 2007. 96p

PERRENOUD, L.O.; RIBEIRO, M. Histórico do Consumo de Crack no Brasil e no Mundo. In: RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. (Org.). **O Tratamento do usuário de crack**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p.33-38.

RAMOS, D.M.; NASCIMENTO, V.G. A família como instituição moderna. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.20, n.2, p.461-472, 2008.

RAUPP, L.M. **Circuitos de uso de crack nas cidades de São Paulo e Porto Alegre: cotidiano, práticas e cuidado**. 2011. 211f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) -Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RAUPP, L.; ADORNO, R.C.F. Uso de crack na cidade de São Paulo / Brasil. **Revista Toxicodependências**, v.16, n.2, p.29-37, 2010.

RAUPP, L.; ADORNO, R.C.F. Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). **Ciência e Saúde Coletiva**, v.16, n.5, p.2613-2622, 2011a.

RAUPP, L.M.; ADORNO, R.C.F. Jovens em situação de rua e usos de crack: um estudo etnográfico em duas cidades. **Revista bras. Adolescência e Conflitualidade**, n.4, p. 52-67, 2011b.

RIBEIRO, A. M.; LARANJEIRA, R.; DUNN, J. Cocaína: bases biológicas da administração, abstinência e tratamento. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.47, n.10, p.497-511, 1998.

RIBEIRO, L.A.; NAPPO, S.A.; SANCHEZ, Z.V.D.M. Aspectos Socioculturais do Consumo de Crack. In: RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. (Org.). **O tratamento do usuário de crack**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p.50-56.

RIBEIRO, M.; DUALIBI, L.B.; PERRENOUD, L.O.; SOLA, V. Perfil do usuário e história natural do consumo. In: RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. (Org.). **O Tratamento do usuário de crack**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p.39-49.

ROMANINI, M.; ROSO, A. Crack e (é) criminalidade: a naturalização como estratégia ideológica na mídia escrita. 3ª Jornada Interdisciplinar em Saúde. Promovendo Saúde na Contemporaneidade: desafios de pesquisa, ensino e extensão. 2010.

SCISLESKI, A.C.C.; MARASCHIN, C. Internação psiquiátrica e ordem judicial: saberes e poderes sobre adolescentes usuários de drogas ilícitas. **Revista Psicologia em Estudo**, v.13, n.3, p.457-465, 2008.

SILVA, V.G. **O antropólogo e sua magia**. São Paulo: EDUSP, 2006.194p.

TÓFOLI, L.F. O cultivo científico da ignorância. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed721_o_cultivo_cientifico_da_ignorancia Acesso em: 19 jul. 2013.

VICTORA, C.G.; KNAUTH, D.R.; HASSEN, M.N.A. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. 136p.

ZINBERG, N. **Drug, Set and Setting**. New Haven: Yale University Press, 1986. 277p.

APÊNDICES

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

FACULDADE DE ENFERMAGEM

DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

DECLARAÇÃO

Venho por meio deste autorizar a utilização dos dados da Pesquisa intitulada "Perfil dos usuários de crack e padrões de uso" Edital MCT/CNPQ 41/2010, pela mestranda Roberta Zaffalon Ferreira no seu trabalho de mestrado intitulado "O Sentido sociológico de dons e dádivas entre grupos de usuários de crack e outras drogas".



Profa. Dra. Michele M. de Oliveira

Pelotas, dezembro de 2012.

ANEXOS

ANEXO A**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE ENFERMAGEM
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

PARECER N ° 301/2011
Prof.ª Dr.ª Michele Mandagará de Oliveira

PARECER PROJETO DE PESQUISA

Senhora Pesquisadora:

Após a análise do seu projeto por este comitê, considerando a realização dos ajustes solicitados, informamos que o projeto sob sua responsabilidade, intitulado: **"Perfil dos usuários de crack e padrões de uso"** foi **APROVADO**.

Protocolo interno N ° 063/2011

Pelotas, 26 de agosto de 2011.


Prof.ª Dr.ª Manli Correa Soares
Coordenadora CEP-FEN-UFPe
COREN-RS 21885

ANEXO B**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA (Resolução 196/96 do Ministério da Saúde)**

Estamos apresentando ao(à) Sr.(a) o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido caso queira e concorde em participar de nossa pesquisa, intitulada “O SENTIDO ANTROPOLÓGICO DE DONS E DÁDIVAS ENTRE GRUPOS DE USUÁRIOS DE CRACK E OUTRAS DROGAS”, a qual é um recorte da pesquisa “PERFIL DOS USUÁRIOS DE CRACK E PADRÕES DE USO”, autorizando a observação e a entrevista. Esclarecemos que o referido estudo tem como objetivo: Conhecer a realidade e as relações de trocas vivenciadas por pessoas que usam crack e outras drogas nos cenários de uso, à luz da teoria de dons e dádivas.

Garantimos o anonimato dos sujeitos em estudo, o livre acesso aos dados, bem como a liberdade de não participação em qualquer das fases do processo. Caso você tenha disponibilidade e interesse em participar como sujeito deste estudo, autorize e assine o consentimento abaixo:

Pelo presente consentimento livre e esclarecido, declaro que fui informado(a) de forma clara, dos objetivos, da justificativa, dos instrumentos utilizados na presente pesquisa. Declaro que aceito voluntariamente participar do estudo e autorizo o uso do gravador nos momentos em que se fizer necessário.

Fui igualmente informado(a) da garantia de: solicitar resposta a qualquer dúvida com relação aos procedimentos, do livre acesso aos dados e resultados, da liberdade de retirar meu consentimento em qualquer momento do estudo e do anonimato.

Enfim, foi garantido que todas as determinações ético-legais serão cumpridas antes, durante e após o término desta pesquisa.

Local / Data: _____

ASSINATURA DO PARTICIPANTE: _____

OBS: Qualquer dúvida em relação à pesquisa entre em contato com:
Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas
Prof.^a Dr.^a Enf.^a Michele Mandagará de Oliveira
Mestranda Roberta Zaffalon Ferreira
Rua Gomes Carneiro, nº 1. Bloco B, 2^o andar, Bairro Centro. Pelotas/RS. CEP:
96010-610
Telefone / Fax: 53 3921-1525
E-mail: mandagara@hotmail.com e betazaffa@gmail.com